

Mahin

ISSN



2596 3533

Revista Literária

Ano 4, número 5, setembro de 2022 | www.revistamahin.com.br



Da poesia como partilha

Geni Guimarães

Entrevistas, resenhas, artigos, inéditos e lançamentos.



Mahin é uma publicação da Editora Malê

Expediente

Editor: Vagner Amaro

Assistente editorial: Marlon Souza

Comissão editorial: Simone Ricco (Mestre em Literatura Africana), Wesley Correia (Doutor em em Estudos Étnicos e Africanos), Henrique Marques Samyn (Doutor em Literatura), Patrícia Costa (Mestre em Biblioteconomia).

Capa – Foto: Pedro Marinho

Colaboradores desta edição: Henrique Marques Samyn, Fábio Kabral, Marcos Cajé, Danielle Leal, Lucas de Matos, Juliane Vicente, Heleine Fernandes, Anderson Silva, Polyana De Ruas, Agda Beatriz de Souza, Breno Gustavo Silva Freitas e Camila de Araujo.

Online: www.revistamahin.com

Matérias e sugestões de pauta:

revista@editoramale.com.br

Para anunciar:

vendas@editoramale.com.br

ISSN: 2596-3538

A Editora Malê não se responsabiliza pelas ideias e conceitos expressos nos artigos assinados, que trazem somente o pensamento dos autores e não representam necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade sem prévia autorização.

EDITORIAL

O quarto número da *Mahin* – Revista literária destaca a escritora Geni Guimarães, em texto do escritor e pesquisador Henrique Marques Samyn. Geni lançou “Terceiro filho”, seu primeiro livro, em 1979, o título alude a terceira criação da autora, visto que na ocasião já era mãe de dois meninos. Para publicar “Terceiro filho”, Geni precisou vender um carro, fato bastante ilustrativo sobre a condição de escritores negros e de escritoras negras na vida literária brasileira. Esta condição de autores independentes marcou, em alguma fase da carreira literária, escritores de períodos tão distintos quanto Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães e Conceição Evaristo. Esse desinteresse do mercado editorial brasileiro com a autoria negra no século XX pintou a paisagem da nossa literatura.

É neste século XXI, principalmente com o surgimento de pequenas editoras voltadas para produção literária de autoria negra, que muitas obras ganham maior visibilidade e passam a ter um olhar mais interessado do mercado editorial. Neste período, ocorre não apenas uma maior visibilidade da autoria negra, mas também a ascendência de uma diversidade de temas e vozes literárias. Assuntos como afrofuturismo, escrita de mulheres negras, literatura infantil negra, estudos literários sobre a literatura de autoria negra e pensamento social negro passam a encontrar mais espaço nas estantes das livrarias,

eventos e nos cadernos culturais.

Esta edição da *Mahin* conta com dois dos expoentes do afrofuturismo literário no Brasil. Fábio Kabral assina o texto “Eu escrevo ficção para criar novas realidades” e Lu Ain Zaila é entrevistada por Juliana Vicente. Na área da literatura negra infantil, o escritor Marcos Cajé escreve sobre o “Admirável mundo afro-fantástico do livro Tunde e as aves misteriosas da escritora e pesquisadora Ana Fátima”. Destacase, também, duas resenhas na área dos estudos literários, uma de Heleine Fernandes sobre o livro “Macala”, de Luciany Aparecida e outra, de Lucas de Matos, sobre o livro “Aos meus homens”, de Marcelo Ricardo. Marcelo foi um dos vencedores da primeira edição do Prêmio Malê de Literatura para jovens escritores negros, e em 2021 lançou seu primeiro livro individual.

Para celebrar a nova literatura negra, que vem surgindo de autores ainda não publicados, na sessão *Inéditos*, apresentamos quatro contos com o tema Diversidade. Finalizando esta edição, uma seleção de bons lançamentos da autoria negra.

Boas leituras! Deleite-se!

Vagner Amaro

Editor da Mahin – Revista Literária
e da Editora Malê

Da poesia como partilha: sobre Terceiro Filho, de Geni Guimarães

Por Henrique Marques Samyn

Eu escrevo ficção para criar novas realidades

Por Fábio Kabral

RESENHA: Admirável mundo Afro-fantástico do livro Tunde e as aves misteriosas da escritora e pesquisadora Ana Fátima

Por Marcos Cajé

ENSAIO: As literaturas de mulheres negras

Por Danielle Leal

RESENHA: A afrografia poética de Marcelo Ricardo no livro Aos Meus Homens

Por Lucas de Matos

ENTREVISTA: A gira existencial em liberdade: a trajetória multidisciplinar de Lu Ain-Zaila

Por Juliane Vicente

Macala acesa

Por Heleine Fernandes

Contos inéditos

Grandes goles de café, de Anderson Silva

Ana, de Polyana De Ruas

Um amor passageiro, de Agda Beatriz de Souza

O que restou, de Breno Gustavo Silva Freitas

Dois amigos, de Camila de Araujo

Lançamentos

SUMÁRIO

*Da poesia como partilha:
sobre Terceiro Filho,
de Geni Guimarães*

Terceiro filho foi o livro que apresentou ao mundo a poética de Geni Guimarães. Quando publicou a primeira edição da obra, em 1979, a escritora tinha pouco mais de trinta anos; Carolina Maria de Jesus nos havia deixado recentemente, e surgiam os Cadernos Negros. Quem era, naquele momento, Geni Guimarães? Nas palavras de Cacilda de Oliveira Camargo, que assina a apresentação da obra – então professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual Paulista de Araraquara –, tratava-se de uma “nova artista ainda desconhecida do público das letras”. Penúltima de nove filhos, Geni vivia em Barra Bonita, onde atuava como professora primária, criava os filhos e publicava textos literários em jornais da região. Seria preciso aguardar nove anos até que alcançasse a popularidade, com a publicação de Leite do peito (1988) – financiado pela Fundação Nestlé de Cultura, que decidira publicar o livro após a impactante apresentação, na IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, daquela autora cujos poemas apareciam em importantes antologias (como Axé – antologia contemporânea de poesia negra brasileira, organizada por Paulo Colina, e A razão da chama, organizada por Oswald de Camargo); e o posterior reconhecimento da crítica, com A cor da ternura (1989), laureado com o Prêmio Jabuti.

Reunindo a juvenília de Geni Guimarães, Terceiro filho não deve ser lido, no entanto, como o mero registro de uma produção literária incipiente: em suas páginas, já estão nitidamente presentes os veios líricos que posteriormente desaguarão em Da flor o afeto, da pedra o protesto (1981), Balé das emoções (1993) e Poemas do regresso (2020). Hoje podemos, por conseguinte, compre-

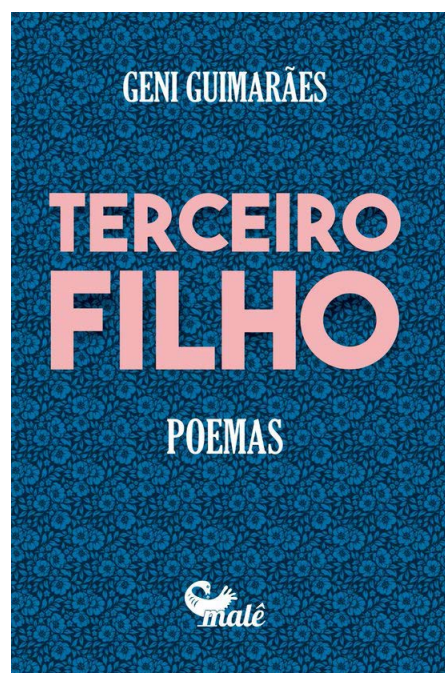
ender esse livro como uma recolha consciente e deliberada de um conjunto de textos nos quais a autora descortinava as múltiplas potencialidades do seu estro, indiciando o espaço que viria a ocupar na tradição literária negra brasileira. A esse propósito, são particularmente significativos os sentidos encerrados no título concedido à obra: a alusão à maternidade enfatiza o processo de construção da poesia como resultante de uma relação com a alteridade, produzindo um ente que habitará o mundo, afetando aquelas pessoas que nele já vivem; para além disso, ressalta uma íntima relação do livro físico com a autora empírica. Tudo isso fica patente no “Agradecimento” que abre o volume, arrolando as presenças que determinaram a seleção dos versos, tanto no que diz respeito ao âmbito familiar (“meu amigo”, “minha mãe”, “meu pai”, “meus filhos”, “meu amor”) quanto no que tange ao espaço de convívio social (“senhora de cortiço”, “moleque de rua”, “colega de trabalho”, “meu excepcional” – termo utilizado, até os anos 1970, para designar pessoas com deficiência intelectual, devendo ser compreendido à luz desse contexto). Ao reconhecer a imprescindibilidade dessas presenças para a construção da poesia (“Não nasceria este livro se não existissem meus poemas, / não existiriam meus poemas se não existissem vocês.”), Geni Guimarães se afasta do modelo (pós-)romântico do poeta como um gênio cultor do solipsismo, para quem a produção literária resulta de um ato indissociável da afirmação soberana da individualidade. Ao reconhecer a impreterível participação de “outros” ou “outras” para a criação poética, Geni Guimarães expõe seu entendimento do texto

lírico como resultado de um compartilhamento: a poesia nasce com o – ou a partir do – reconhecimento da(s) alteridade(s) que se relaciona(m) dialeticamente com a subjetividade criadora; e a figura do “terceiro filho” ressalta a presença, no corpo do poema, de elementos provenientes de todas as pessoas que possibilitaram o seu nascimento. Não menos importante é perceber que, ao formular assim a sua concepção da criação poética, Geni Guimarães se configura de modo oposto à representação tradicional da “mãe preta”, ou seja: a mulher negra escravizada, compulsoriamente apartada da própria prole, para dispensar cuidados às crianças brancas, em função dos interesses senhoriais. Pela via contrária, a “mãe poética” que encontramos em Terceiro filho jamais se afasta de sua prole: nela se reconhece, para ela projeta um futuro e dela cobra responsabilidades (como atestam os versos de “Você é responsável pelas alegrias que provoca”). Ao extrair sua matéria lírica do cotidiano, Geni Guimarães produz uma poesia que explora densamente motivos autobio-gráficos; não obstante, o já mencionado afastamento dos parâmetros (pós-)românticos enseja a construção de um registro memorialístico aberto às demandas da coletividade – sobretudo, racializada (leia-se “Palco da vida do crioulo pobre”) e, não raro, generificada (como em “Para ser mulher”) –, o que acentua a dimensão militante de sua obra. Desse modo, ao versar sobre si, o eu lírico guimaraniano traduz experiências de um vasto contingente de pessoas historicamente marginalizadas, condenadas à pobreza, oprimidas pelo racismo, pelo sexismo e pelo capacitismo. Se isso faz com que a voz lírica constantemente

soe grave e pesarosa – porque disposta a acolher o mundo que de tantos modos a fere –, a possibilidade de transformação do mundo oferece um alento, através do amor (vejam-se os versos de “Quero que me entendam”: “apesar da constante tristeza dos versos, / só falo verdades que a urbe insegura / tranca, fecha, esconde, seja como for. / Mas todas essas coisas, tão velhas, eternas, / eu respeito e conservo: / meu ato de amor.”;), que emerge como princípio fundamental para a revolução possível (como afirma a última estrofe de “Falando de amor”: “Respiro amor. / É que ele tem sintoma de riso, / e o riso dá-me uma vontade imensa de amar. / Quero morrer de amor e continuar amando / para ser eterna nos corações falidos, / que não podem como eu querer até cansar.”). Mas Terceiro filho aborda muitas formas de amor, tangenciando os modos como as vivências amorosas são tematizadas por pensadoras negras: do amor como dedicação à alteridade (“Quero morrer de amor e continuar amando / para ser eterna nos corações falidos, / que não podem como eu querer até cansar.”, versa o desfecho de “Falando de amor”) até o autocuidado (isto afirma um dos vários poemas chamados “Reflexão”: “Descansando, pensei que estivesse perdendo tempo. / Nesse meio tempo, vi que muito havia aproveitado o tempo, / porque falei comigo e acabei gostando muito mais de mim.”); das incertezas quanto às possibilidades de realização amorosa (“De tão ferida a sensibilidade, / nasceram-nos estranhos medos de amor. / Então procura-se um grande amor para a vida, / para perdê-lo assim que se

encontrar.”, diz o eu lírico de “Palavras”) ao sentimento de solidão que arrefece as esperanças (como afirma o terceiro que encerra “Meu fadário”: “Mas a esperança surge no meu viver / e diz-me que um dia virá quem tanto quero, / então, descrente de esperança, espero...”). Usualmente pouco lembrados pela crítica, merecem destaque os diversos momentos em que a subjetividade poética guimaraniana vocaliza questionamentos metafísicos de notável radicalidade, indagando sobre a injustiça ou a indiferença divina (ilustrada por esta estrofe de “Céu jardim”: “E sigo ávida entre as flores resplandecentes, / como no espaço, seguem incertos os vaga-lumes, / sem fé, sem pátria, meninos rebeldes e ateus. / E erguendo os braços, cansada, humildemente: / eu paro e pergunto ao vazio nervosamente: / deste jardim... em que canto estarás tu, meu Deus?”) ou reclamando uma configuração particular da divindade (“Eu quero o Deus dos cegos, / eu preciso do Deus dos conformados, / eu reclamo o Deus dos imbecis!”,

lemos em “Busca”), o que ressoa em uma sensação de precariedade existencial (de “Crise”: “Sou toda, completa crise, / arranjo e desarranjo de uma mesa. / Sou lápide, rumo, desvio. / Posso ser um horizonte aberto, / nu, incerto, frio.”). Por fim, julgo premente questionar as reiteradas observações acerca da “simplicidade” da dicção de Geni Guimarães. Embora prescindida do recurso a um vocabulário invulgar ou a preciosismos gramaticais, a autora de Terceiro filho transita por registros que remetem à tradição literária culta (“Orgulho”, por exemplo, remete à lírica renascentista, não apenas no que diz respeito à forma) e estrutura sua dicção em modo rítmicamente magistral (veja-se o heterodoxo “Soneto para quem diz adeus”). Mais adequado, a meu ver, é ler o despojamento e a limpidez da escrita de Geni Guimarães como aspectos estilísticos de uma autora irrestritamente comprometida com a tarefa de construir uma tradução literária – portanto, atendendo às exigências estéticas – para suas vivências e verdades de mulher negra.



Livro: Terceiro Filho
Autora: Geni Guimarães
Edição: 2022
Assunto: Poesia Brasileira
ISBN: 978-65-87746-79-1
Páginas: 138 páginas

Henrique Marques Samyn
Escritor e Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Rio de Janeiro, 2022



*Eu escrevo
ficção para criar
novas realidades*

“Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”

Tal é a dualidade existente entre realidade e ficção. Uma não existe sem a outra. De forma semelhante, os seres humanos precisam da ficção tanto quanto necessitam comer e respirar.

Por que a ficção me fascina tanto? Porque a ficção é tudo o que a realidade não é, ao mesmo tempo em que a ficção é a própria realidade elevada à mais alta potência.

Por que eu escrevo ficção?

Seja em qualquer época ou era da humanidade, a ficção é sempre importante. É imprescindível, na verdade. Podemos argumentar que a ficção se torna mais importante ainda em tempos sombrios de incerteza, mas acredito que seja fundamental também nos momentos de alegria e tranquilidade. Estamos consumindo e produzindo ficção sempre, mesmo quando achamos que só vivemos com os “pés no chão”.

O que significa ser “realista” afinal?

Ser “realista” significa desprezar obras ficcionais como um todo — filmes, livros e jogos — mas acreditar piamente nas notícias espalhadas pelo “tio do zap”?

O que é a realidade senão um simulacro da imaginação?

Eu não quero uma realidade que ignora as potencialidades da imaginação.

Desde os tempos antigos, nós contamos histórias. Contamos histórias de poder para empoderar nós mesmos. Contamos histórias sobre deuses e monstros para ensinar a nós próprios o que é certo e o que

é errado. Contamos histórias para entendermos o mundo ao nosso redor, para nos conectarmos com as pessoas, para nos conectarmos com os deuses e monstros que vivem dentro de nós. Tudo isso porque histórias são o alimento da mente e da alma.

A vitória do herói da ficção é a nossa vitória sobre as forças internas que nos impedem de seguir adiante. Todo dia, nós batalhamos contra monstros interiores que fomentam a nossa estagnação.

Por mais que não queira admitir, todo mundo se sente inspirado quando o herói vence a sua batalha. Especialmente se esse herói se parece com você.

Qual é a importância da ficção na sua vida?

Se você vive e respira, você imagina. Não importa o quão realista você se considere. A imaginação faz parte de você.

Todas as noites, você sonha. Mesmo que não se lembre disso.

Sou movido por sonhos. Frequentemente estou naquele estado que chamam de “sonhar acordado”. Acontece principalmente quando estou ouvindo minhas canções favoritas, lendo algum livro fantástico, assistindo a algum filme ou jogando algum game que seja capaz de me causar tais sensações. É uma sensação absolutamente indescritível. Tudo se torna possível. Não há limites nem para as alturas e tampouco para as profundezas.

Ao longo de toda a sua história, a humanidade criou diversos signos. Também desenvolveu vários sinais identitários que simbolizam o seu grupo

cultural e/ou o imaginário de seu povo.

É curioso como ainda hoje, no século 21, “apenas” todos os imaginários que não sejam europeus sejam considerados “identitários”.

O imaginário molda o mundo. O imaginário vigente determina qual versão da realidade as pessoas devem acreditar e considerar.

Como homem negro, eu não aguento mais dizer que os imaginários europeus ainda dominam o mundo. Não aguento mais reclamar das trocentas estórias sobre deuses gregos, nórdicos e celtas. Não aguento mais e não vou mais dizer sobre isso, ok?

De qualquer forma, os imaginários do mundo estão mudando.

Eu escrevo ficção com a convicção de que estou alterando a realidade. Escrever é uma mágica real no mundo físico e metafísico porque molda o imaginário, que molda o mundo onde vivemos.

Escrever ficção é pura magia, no sentido mais delicioso da palavra.

Por que eu só recebo convites para eventos e palestras para falar apenas de racismo se eu posso contribuir com muito, muito mais?

“Estou à procura do meu príncipe encantado.”

Quem nos ensinou essa expressão? Por que buscamos nas pessoas uma perfeição que nunca existiu?

Quem te ensinou a se frustrar com ideais impossíveis de se realizar?

Eu escrevo ficção porque não aguento mais os padrões que me são impostos.

Quais são os padrões da

realidade em que você vive?

Para mim, o que chamam de "realidade" não passa de uma pura ilusão. Especialmente nesta era da informação em que vivemos, somos bombardeados diariamente com os mais diversos padrões e signos que moldam o nosso imaginário e ditam como devemos enxergar a realidade. Com isso, a realidade em si se torna cada vez mais uma espécie de crença imposta do que algo realmente concreto.

Cada vez mais, a realidade se reduz a um mero simulacro de imaginários impostos.

Quem domina a narrativa do imaginário vigente, domina a mente e a alma das pessoas. Domina o mundo.

Eu escrevo ficção porque meu desejo é que o meu imaginário se torne realidade.

Quando você lê ficção, as planícies e montanhas do seu imaginário se esparramam por todo o horizonte dos seus inúmeros mundos internos. Os infinitos mundos que cultivamos dentro de nós são as expressões fragmentadas das essências que nos compõem. Tais essências são moldadas pelas nossas experiências, ou melhor, pela nossa interpretação do que experimentamos no mundo real. A forma como interpretamos depende de como vivenciamos; e como vivenciamos depende de como interpretamos. Nós não somos moldados sozinhos, e sim pelos que vieram antes de nós. Os que vieram antes de nós são moldados pelo passado, pelo presente e pelo futuro do mundo ao nosso redor, tudo ao mesmo tempo. O tempo e o espaço não passam de um construto ilusório conveniente para as limitações das nossas percepções.

A imaginação é real. Se não fisicamente, então metafisicamente.

Eu escrevo ficção para tor-



nar minha imaginação uma realidade.

O que você imagina para você mesmo e/ou para o mundo?

Você sabia que franquias famosas de ficção científica, tais como Jornada nas Estrelas, vêm inspirando as pessoas a se tornarem astronautas? Você sabia que as invenções mirabolantes da ficção científica inspiram cientistas e engenheiros em geral?

Na minha mente, o que eu escrevo realmente, sempre escrevi e sempre escreverei é fantasia. Ficção fantástica. Vamos então tentar enxergar a fantasia para além do conceito de "mentira"... ou do cunho sexual.

Fantasia é algo fantástico! Digo isso com o intuito de enfatizar a redundância da maravilha. A escrita fantástica é a concretização do sonho. A escrita de orientação fantástica expõe para o mundo uma infinidade de mundos feitos da

mesma matéria que são feitos os sonhos.

Quanto valem os seus sonhos? O quão longe você está disposto a ir para tornar seus sonhos realidade?

Escrever fantasia me permite potencializar o excesso de realidade no qual me encontro imerso. Para mim, a fantasia é a máxima potência das minhas ambições mais profundas. É a máxima potência da imaginação que ferve dentro de mim. A fantasia é o símbolo máximo da ambição humana de alcançar as alturas e as profundezas. Fantasia é a magia que move mentes e almas ao redor do mundo.

Desejo que olhem para mim. Desejo que me olhem não como um rótulo chamado "afrofuturismo", não como um rótulo chamado "homem negro". Desejo que olhem para mim como alguém que cria novas realidades por meio da escrita. Desejo que olhem para mim como alguém que vive

pela ambição de sonhar tão bem a ponto de criar novas realidades.

Será que vocês são capazes de olhar para mim, ou para qualquer outra pessoa, com outro olhar e outra concepção para além da sua interpretação da realidade?

Nós moldamos os rótulos ou somos moldados por eles?

Acredito que fazemos uso dos rótulos em uma tentativa de quantificar o inquantificável. É impossível explicar apenas com os olhos da racionalidade a subjetividade que é a fantasia. A não ser que você siga uma fórmula batida para criar o fantástico. Infelizmente, muitos caem na armadilha de seguir receitas de bolo, imersos na insegurança de permitir que a sua imaginação voe livremente. É realmente assustador permitir que a nossa imaginação voe sem restrições, e talvez seja até danoso demais. Acordos são necessários para que se encontre o melhor equilíbrio.

Você ainda acha que se render à banalidade do realismo é o melhor caminho?

Eu questiono as minhas crenças com frequência. Não porque eu duvide da divindade, e sim porque não desejo que as minhas crenças me limitem. Não há nada pior que se rebaixar a um simulacro de si próprio, que não pensa por si só, apenas se limita a seguir uma programação tediosa, previsível e incapacitante.

Intumescidas de dor diante das consequências de suas escolhas, quantas pessoas não se jogam no caminho fácil da fé cega sem hesitações?

Eu abandonei a religião, mas não abandonei o sagrado. Não preciso que ninguém

me diga como eu devo acreditar. Eu creio na divindade da mesma forma que acredito na imaginação: a realidade do imaginário é metafísica, não física.

Nós criamos os deuses, ao mesmo tempo em que fomos criados por eles.

Ambas as afirmativas são corretas porque é dessa forma que funciona o mito.

Da mesma forma que a imaginação e a realidade são o famigerado "lados opostos da mesma moeda", o mito e a ciência são irmãos. Ao contrário da ciência, o mito é alógico por natureza. O mito é tão ou mais complexo que a ciência, já que o mito, assim como a ciência, tem a pretensão de tentar explicar a realidade. No entanto, não se pode exigir lógica do mito porque o mito é, por definição, a expressão máxima da falta de lógica.

Os mitos são realidade no mundo metafísico, e até hoje são decisivos no mundo físico, porque moldam o imaginário, que molda a mente, a alma e o coração das pessoas.

Ainda não se convenceu de que o imaginário molda a realidade? Ainda acredita que a realidade é algo imutável, sempre lógico e exato?

A ficção me fascina tanto porque a realidade, para mim, é algo decrépito e decepcionante. Acredito que a banalidade da realidade limita e muito o verdadeiro potencial dos seres humanos. Creio que a resposta para a ascensão é mergulhar nos infinitos mundos internos que existem dentro de nós e compartilhar tais universos com o máximo de pessoas possíveis.

Quero ascender a algo além do que esta realidade

me limita. Quero ascender à altura e à profundidade dos meus sonhos.

Eu escrevo ficção com a pretensão de tornar meu próprio mito uma realidade.

Todos os seres humanos precisam da ficção tanto quanto necessitam de ar e comida.

Eu escrevo ficção para viver além do que a realidade me limita.

Eu escrevo ficção para viver além da minha mera existência mortal.

Eu escrevo ficção com a pretensão de encantar e inspirar o mundo da mesma forma que as narrativas ficcionais do mundo me encantam e me inspiram.

Eu escrevo ficção com a pretensão de criar novos imaginários, com a pretensão de criar novas realidades.

Eu escrevo ficção com a pretensão de ascender à divindade dos meus imaginários e universos infinitos!

Eu escrevo ficção para tornar meu sonho realidade.

Fábio Kabral é escritor de ficção especulativa com foco em fantasia. No momento, passa seus dias estudando, pesquisando e escrevendo seu próximo livro: um "grande épico de fantasia centralizado na mitologia afro-brasileira dos Orixás" (ainda sem nome revelado) que será publicado pela Editora Intrínseca em 2022 (ou 2023, já que o livro está dando bastante trabalho). Seus livros já publicados são: *Ritos de passagem* (Giostrí, 2014, já esgotado), *O Caçador Cibernético da Rua 13* (Malê, 2017), *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* (Malê, 2019) e *O Blogueiro Bruxo das Redes Sobrenaturais* (Malê, 2021). No tempo livre, lê muitos gibis e joga videogame por horas e horas. Neste instante, está muito ocupado escrevendo o próximo livro.

Resenha

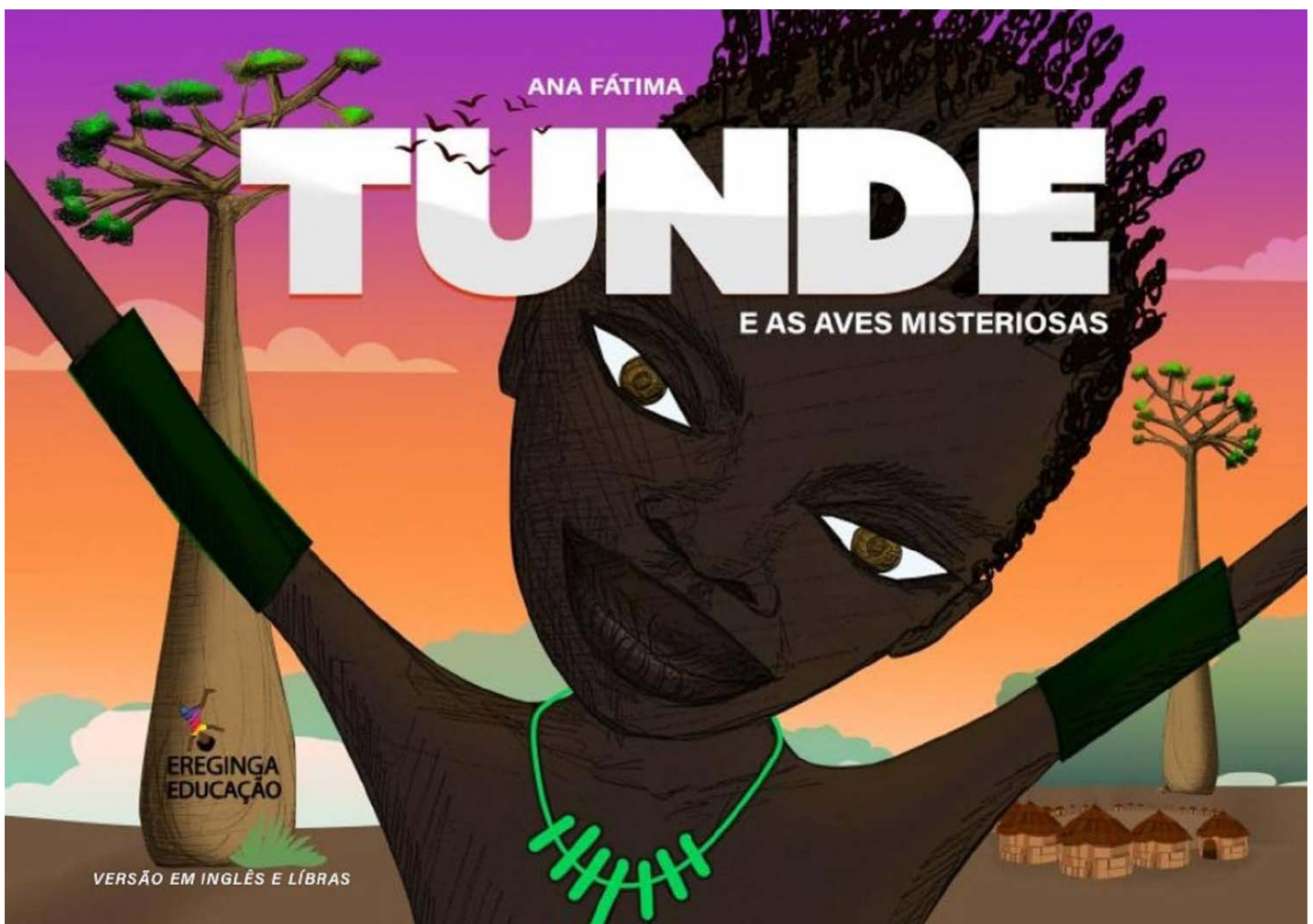
Admirável mundo Afro-fantástico do livro Tunde e as aves misteriosas da escritora e pesquisadora Ana Fátima

Marcos Cajé

Lançado em 2020 pela editora Erengiga Educação, o livro *Tunde e as aves misteriosas*, com ilustrações de Salamanda, mostra um menino preto que narra uma lenda africana repleta de aventuras, mistério e magia ancestral. A obra da escritora Ana Fátima é mais que um livro infantojuvenil, é uma ferramenta para quebrar lógicas racistas entre crianças e jovens. No início do livro vemos uma construção plenamente fortificada no amor entre os seus familiares e nas referências diaspóricas de personalidades importantes para nossa formação, tanto para as crianças e jovens como para os adultos. Assim, movimenta-se no sentido de

enraizar seus laços familiares e suas tradições ancestrais, pois o menino narrador reconhece que isso é vida, é ancestralidade. Ainda mais porque quem conhece a sua própria história e sabe de onde veio, com certeza é capaz de projetar o seu destino na direção da potência de vida, focando nos atos positivos.

Neste livro, Ana Fátima coloca a importância do termo "ancestralidade", que nos motiva a ter autoestima e a compreender quem somos e para onde podemos ir. Isso é colocado claramente no começo da história, quando temos uma criança narrando um lar harmonioso, onde se ouve música e pode-se ver a mãe



e o pai alegres em casa. Isso é percebido tanto quando os pais estão conversando e dançando quanto quando a mãe, à noite, conta histórias ancestrais e sobre a Mãe África para o menino antes de este dormir.

Algo muito importante no início do livro é a construção da ideia de tempo e espaço, seja do tempo dos ancestrais ou da nossa ideia contemporânea de tempo. Ana Fátima foi feliz em construir uma encruzilhada de tempo e espaço, citando Maragojipinho e indo na direção da Nigéria, na África. Assim, vamos conhecendo esse universo Afro-fantástico dessa escritora "danada de boa".

O porquê de o livro ser uma literatura Afro-fantástica infantojuvenil?

O *Tunde e as aves misteriosas* é uma narrativa que agrega saberes e fazeres em um universo Afro-fantástico, onde encontramos nesse critério literário a magia como uma ferramenta que impulsiona a narrativa infantojuvenil. Como leitor e pesquisador do movimento literário Afro-fantástico, vejo uma potência no edificar dessa literatura, pois *Tunde e as aves misteriosas* conduz vários aparatos para essa literatura Afro-fantástica, sendo eles: um universo socialmente tramado e uma sociedade com costumes e tradições; o fato de o livro nos guiar para uma filosofia ubuntu; e a narrativa abordar um ecossistema e uma econo-

mia. Quando todos esses elementos estão inclusos em uma narrativa, identifico esta como uma literatura Afro-fantástica. A ideia do movimento Afro-fantástico é amalgamar esses componentes da realidade com o irreal, fazendo nascer, assim, a literatura Afro-fantástica.

Desse modo, *Tunde e as aves misteriosas* representa com maestria esse gênero. Tunde tem tudo isso, tem sentimentos reais e uma sociabilidade forte no tratado socioeconômico. Na perspectiva Afro-fantástica, podemos ver Tunde como um herói que vive em seu ambiente social tranquilamente, mas, quando sua comunidade entra em dificuldades, o heroísmo desperta, fazendo seus desejos e paixões se relacionarem, para assim iniciar as aventuras em busca de ajudar os seus. Tunde é um herói que não recusa o seu chamado como herói, não apresenta resistência, pelo contrário, vai em busca de respostas. É esse o dom da literatura Afro-fantástica!

Ana Fátima traz nesta incrível literatura Afro-fantástica a magia ancestral e o poder espiritual da natureza do Baobá, traz a força dos mitos e lendas africanas. Além de oferecer ao seu leitor um universo criativo, otimizando o crescimento cognitivo para as crianças e jovens que leem *Tunde e as aves misteriosas*, é uma literatura Afro-

-fantástica como tem que ser, repleta de magia, referências reais, filosofia e criatividade.

Tunde as aves misteriosas vai além. Inclusive, essa narrativa contempla a lei 10.639. Sendo assim, podemos considerar que é um livro necessário, no qual nossas raízes ancestrais gritam por nossos nomes. *Tunde e as aves misteriosas* chama por nós e nos ensina o que é ser diáspora. Com uma literatura afrocentrada e afroafetiva, a obra é puro ensinamento, seja da cultura Nagô ou da cultura afro-brasileira. É um livro que transita no afetivo e busca nos ensinar a partir da interdisciplinaridade, ampliando nossos saberes. *Tunde e as aves misteriosas* consegue nos educar para sermos autoconfiantes, generosos e corajosos. Ainda, o livro nos apresenta um universo Afro-fantástico repleto de possibilidades.

Marcos Cajé é Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo. Professor e Escritor das Obras: *Afrocontos: Ler e ouvir para transformar* (Quarteto editora, 2014); *Igbo e as princesas* (2015); *Amali e sua história* (Editora Mondrongo, 2017); *Zula: a guerreira* (Editora Metanoia, 2018); *Ara, o menino trovão* (Editora Metanoia, 2020); *Akin: o rei de Igbo* (Editora Malê, 2020); e *Makori: a pequena princesa* (Editora Ereginga Educação, 2021). Tendo vários artigos publicados em revistas acadêmicas e em livros de coletâneas acadêmicas.

Ensaio

As literaturas de mulheres negras



Danielle Leal

se um país é uma ficção
feita de sonhos e corpos
aqui a matéria-prima
são os que mais desaparecem
se um país é uma inversão
é pra separar os escolhidos
a lei do manda quem pode,
obedece quem tem juízo
se um país é uma invenção
cada vez mais um pesadelo
há que insista nas mentiras
que sustentam seus desejos
se um país é uma convenção
e na base da gambiarra
acima de tudo só a terra
de mortos saturada.

(Ódio sob a tela – Stephanie Borges)

O ano é 2021 e ainda precisamos falar sobre questões enraizadas na nossa sociedade, com destaque para a intelectualidade negra e o racismo nesse âmbito. Assim, algumas reflexões/inquietações são ponto de partida para este breve ensaio, a partir das aulas teóricas e, principalmente, da aula ministrada por Stephanie Borges em julho de 2021.

Em “Intelectual negra sim. Por que não?”, a historiadora e intelectual Giovana Xavier afirma que: “para mulheres negras, ocupar o espaço acadêmico é um processo complexo de desestabilização do imaginário de nascidas para servir” (2019, p. 89). Enfatizando que a lógica patriarcal e racista, pautada na sociedade escravocrata, faz-se imperiosa sobre

nossos corpos.

O que destaco aqui é a figura feminina negra no contexto da escravidão e no seu pós ao defender que a raça, o gênero e a classe estão entrelaçados. Para tal, considerando a estrutura social vigente, o modelo econômico que a sustenta e as violências cometidas e persistentes às mulheres negras.

Assim, entendo que o projeto social construído nos meios acadêmicos é excludente, e isso não se reduz somente a ele, mas a outros aspectos, como: mercado de trabalho, representatividade em lugares de poder, acesso a saberes e circulação no meio urbano, entre outros. Considero a elitização de saberes, nesse sentido, um resquício dos quase 400

anos de escravidão, na medida em que a população negra brasileira é constantemente atacada e sofre com descrédito de sua produção intelectual de forma sistemática.

Diante de tal cenário, o que se faz latente na sociedade brasileira é um conservadorismo acadêmico que negligencia nossos ideais em favor da falácia da meritocracia. O discurso de que “é só você se esforçar que vai conseguir” é destrutivo e assombra uma população sem privilégios, que mais sofre com desemprego, violência policial e doméstica, por exemplo, reforçando que o lugar do/a negro/a não é fazendo ciência, mas, sim, sendo subserviente.

A literatura negro-brasileira, terminologia defendida por

Cuti, é uma ferramenta que possibilita uma nova perspectiva nos estudos literários, desconstruindo os moldes arcaicos do cânone literário. Contudo, também ressalto que a literatura produzida por autores/as negros/as não deve ser olhada pelo viés somente político e ativista, em que a escrita é pautada pelo racismo e questões de gênero e classe.

Reconhecer o papel de Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz – citando apenas no campo da prosa – é mais do que “levar bandeiras”. Trata-se de um resgate da ancestralidade africana, a qual se perdeu na diáspora da amplitude da memória e da nossa cultura.

Assim, Stephanie Borges (2017, p. 02) pondera que

Autoras negras têm a vivência, são mais atentas ou têm um interesse maior para as confluências entre o racismo, o machismo e as desigualdades sociais, no entanto, **as literaturas de mulheres negras vão além destes temas**, embora tenham olhares e linguagens afiadas para tratar de tais assuntos. **Mulheres negras são muito mais do que histórias de violência, de superação ou a repetição de estereótipos sobre a empregada doméstica, a figura maternal, a mestiça sensual ou a mulher raivosa** (grifo meu).

Os estereótipos acerca das produções de mulheres negras dizem muito a respeito da nossa sociedade. “Como ela faz pesquisa científica?”, eles dizem. “Mas mulher negra fazendo filosofia? Não dá para aceitar”, insistem. São comentários que reafirmam o nosso “lugar” à medida em que estão disfarçados de dissimulação

e até certa inocência. Mas será mesmo?

Não se questiona o lugar da mulher branca na Academia. E isso não me surpreende, afinal, a relação senhorial permanece. Para ilustrar essa dicotomia, nós ainda ouvimos que “só” falamos sobre racismo, violência e resistência. Somos questionadas sobre nossos saberes, que, quando ditos por mulheres brancas, não o são, nem tampouco rotulados. O racismo estrutural faz-se presente nesses fatos, além de muitos outros, é claro.

Quando não se reconhece a potência de Carolina Maria de Jesus, deixando-a à margem dos estudos literários, uma demonstração do pensamento retrógrado se confirma. A literatura dela é mais do que um documento de sua realidade. Transmite de forma poética seu lugar no mundo, na favela mais especificamente, é um retrato do Brasil que marginaliza quem é pobre, preto/a e mulher. Para marcar isso, Stephanie Borges (2017, p. 03) apresenta:

Conhecer a literatura de escritoras negras pode ser um exercício de alteridade, de se abrir a visões de mundo desconhecidas, como também pode ser a revelação de uma riqueza ancestral, apagada por uma ideia de mestiçagem, que diminui o valor da produção cultural dos negros entre categorias como gosto e classe.

Apesar da discussão ter sido resumida, considero importante pontuar, por fim, que o trabalho das intelectuais negras tem papel de revisar os saberes dos colonizadores de modo a reorientá-los a partir de uma perspectiva marginal. É colocar o ponto focal no estudo afrocentrado, sair de qualquer tradição eurocêntrica que inferiori-

za o conhecimento científico, teórico e literário de mulheres negras, as quais, a duras penas, constroem diariamente um novo “lugar” para elas.

Retornando a alguns versos do poema *Ódio sob uma tela*, de Stephanie Borges, destaco os que seguem porque me fazem refletir sobre o cenário atual e sobre a história do nosso país: “se um país é uma inversão/é pra separar os escolhidos/a lei do manda quem pode,/obedece quem tem juízo”.

Com isso, é possível considerar que as cicatrizes ainda se fazem presentes na sociedade brasileira, que está pautada em políticas de branqueamento e falsa ideia de “democracia racial”. Tais perpetuações têm o poder de aniquilar corpos, sonhos e sentimentos. Mas é fundamental olhar pelo outro lado, sempre. Apesar dos pesares, somos maiores. Sejamos resistência.

Danielle Leal. Mulher negra, doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com ênfase na obra de Eliana Alves Cruz e professora que promove e luta por uma educação antirracista. Sua trajetória acadêmica está voltada aos estudos decoloniais, destacando o sujeito diaspórico, a ancestralidade, a memória e o corpo negro escravizado, sobretudo a mulher negra. Luto por questões identitárias que me atravessam, assim como a outras mulheres.

Referências Bibliográficas

BORGES, Stephanie. *Ler mulheres negras o ano inteiro. Mulheres que escrevem*, nov. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/ler-mulheres-negras-o-ano-inteiro-39ece187544a>>.

XAVIER, Giovana. *Intelectual negra sim. Por que não? In: _____, Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

Resenha

A afrografia poética de Marcelo Ricardo no livro *Aos Meus Homens*
O autor retrata os afetos sob a ótica e vivência do homem preto e gay

Por Lucas de Matos



“Ao meu pai; à sensibilidade das mãos dos homens pretos”. É com essa dedicatória que Marcelo Ricardo, poeta natural de Pojuca (BA), insere o leitor no universo poético, afetivo e sociológico de *Aos Meus Homens* (Malê, 2021), livro que marca sua estreia solo no mercado editorial. E já se constata, desde o ponto de partida, o redesenho da figura social que o homem negro desempenha no imaginário coletivo.

Em uma construção social amparada em uma imagem de força, macheza e virilidade há possibilidade para a sensibilidade?

Sim! Nos mais de cem poemas divididos em quatro partes, Marcelo confirma esse questionamento perfilando a si e aos seus e versejando histórias de vida, nas quais os demais personagens também se entrelaçam à construção da identidade do eu-lírico. Da infância à fase adulta, recebendo a benção dos mais velhos e mais velhas, entramos no ifá literário sugerido pela capa, onde uma mão negra de matizes coloridas joga os búzios e, simultaneamente, é um tronco que sustenta múltiplas narrativas, onde o afeto floreia em abundância.

Ricardo nos fala do homem que “desfez o laço, retirou o nó da gravata; borboletou” (Curió), subvertendo as normas em sua vivência, na qual “desmunhecar é envergadura de poder” (Adé). Do homem que honra o matriarcado e reverencia a ancestralidade, o seu suporte de esteio existencial e

a orientação no decurso da vida. Do homem que ama, que ama outros homens e também almeja ser amado, para além do campo da objetificação e da performance pretendida.

O escritor consegue fazer uma miscelânea particular através de escritos que perfazem vivências de sujeitos pretos, e é nesse ponto que sua obra se enriquece: o prazer dos encontros, a beleza das raízes e a potência de vida coexistem com o medo da morte, com a sombra nefasta do racismo, com a violência da homofobia e o preterimento afetivo. A costura dos contrastes é feita com a sensibilidade da narrativa de Ricardo, potencializada por seus lugares de fala e existência, a nos lembrar que a dureza de um baobá também é adornada com a sutileza das flores (Flor do Baobá).

Marcelo preconiza a “afrografia”, assim como Conceição Evaristo apresenta a “escrevivência”. Tais neologismos apontam para a possibilidade de reconstrução das narrativas negras pelo toque, transe, temor e trajetória de quem as tece.

Num momento em que masculinidades (sobretudo, negras) são amplamente debatidas no campo epistemológico, a obra surge como mais uma referência para os estudos nessa linha. É um livro antirracista, de amor, de pensamento decolonial e de filosofia ancestral. Haja troncos!

Como complemento da obra, o projeto multimídia “Adé”, disponibilizado no Youtube, traz o que seria a concepção imagética de algumas poesias na performance de Marcelo Ricardo e artistas convidados, como a drag queen Barbárie Bundi no poema “Me Chame de Mãe” e os dançarinos Felipe Moreira e Ian

Morais, que fazem do texto “Nego do Outro” uma passarela para o vogue, dança criada por gays negros do cenário cultural norte-americano no fim dos anos 80. Tudo isso adornado por um visual afrofuturista, com peças criadas por Bixa Costura, em um trabalho que elenca e fortalece profissionais negros da cena LGBTQIA+ baiana. A afrografia escapa do papel, ocupa a tela, entra na pele e propõe acessos a memórias que são comuns a todos. Embora a identificação de leitores pretos seja imediata, não há como passar indiferente à beleza desse baobá. Para provar, tome esta flor:

Patriarcas

muito do meu filho sou eu
o interminável, inexatidão, o inconcluso
muito do que sibilo não se separa em suas sílabas
no filho amadurece a minha história
chora calada minha infância,
está no meu filho tudo que não precisa ser forte,
a carência e o cuidado
mas meu filho é um forte que diz pra si que
não pode chorar
paíra entre nossos olhos a guerra e paz,
meu filho é o esqueleto que sustém meu cajado,
sou pai da criação que encorpa o menino
há no meu filho o jeito madeira e o swing maneira
de árvore
genealogia de mim, sou pai de sua consciência
de sua cegueira, do gênio
não sei de seus amores, suas quedas,
não sei quanto dói sê-lo,
meu filho é meu desconhecido mais íntimo

Aos Meus Homens
Marcelo Ricardo

Lucas de Matos é soteropolitano, Comunicador com habilitação em Relações Públicas (UNEB) e pós-graduando em Comunicação e Diversidades Culturais (Faculdade 2 de Julho). É poeta e apreciador da literatura.

A gira existencial em liberdade: a trajetória multidisciplinar de Lu Ain-Zaila

Por Juliane Vicente

Lu Ain-Zaila é pedagoga. Escritora afrofuturista da Duologia Brasil 2408: *(In)Verdades* (2016) e *(R)Evolução* (2017), *Sankofia* (2018) e *Iségún* (2019), possui contos em antologias e iniciou pesquisas relacionadas à educação e literatura. Se debruça sobre a importância de imaginar e concretizar afrofuturos e futuros positivos nas periferias e margens. Tem contos publicados e, no contexto da lei 10.639/03, narrativas negras centradas nos valores filosóficos, culturais, históricos, mitológicos e humanísticos negros.

Como e quando surgiu seu interesse por literatura e escrita?

Não foi efetivamente com a intenção de ser escritora. Foi a partir de movimentos sociais e da consciência de melhorias. Assim que saí da escola, percebi que não poderia fazer faculdade, entendi a defasagem e estudei em particular, que não me garantiu o mínimo necessário. Nessa época começou um movimento de pré-vestibulares comunitários e eu fui de aluna à professora e daí não parei mais. Até dentro da universidade e fora dela, a escrita começou com interesse acadêmico e social. E a literatura negra começou a fazer parte da minha vida a partir de movimentações sociais negras, mas nem imaginava o que estava por vir e começar muito anos depois. Isso faz uma pessoa negra pensar... Se eu tivesse acesso antes aos valores negros, inspirações negras, o quanto a minha vida teria sido diferente?

Durante a escrita de *Sankofia*, qual foi a maior dificuldade na elaboração da narrativa? Como foi a formulação do conceito de *Sankofia*?

A maior dificuldade imposta foi me desvencilhar do descarte de nossa potência a partir dos valores eurocêtricos. Estes "valores" não respeitam as epistemologias e paradigmas negres, não os reconhecem, e a Lei 10.639/03 nos garantiu as ilhas NEABs, mas não conseguiu politicamente colocar isso nos currículos, ficou vago em termos da lei e isso frustra as nossas possibilidades até hoje. Sei porque trabalhei na ação nacional vis Ministério Público e vi como burlar era efetivamente fácil, e a coisa foi se esvaindo. Enfim, conseguir restaurar em mim a possibilidade de pensar a partir de saberes negres e conhecer nossos valores humanísticos, culturais, filosóficos e religiosos me trouxe uma perspectiva outra, na qual me via frontalmente. Daí veio o conceito iniciante de *Sankofia*, de uma restituição a partir de um olhar no horizonte que não morre com você, mas que é assumido pelas próximas gerações, não é individual, mas coletivo, e foi isso que busquei colocar no conceito e nos contos do livro. E tenho pensado no conceito incluindo não negros,

pois eles precisam assumir um pacto pela mudança em nossos termos diante de seus pares, que expressam a branquitude como potencial para se agrupar e ocupar espaços pelo puro privilégio racializado que construíram para si socialmente.

Como é o seu processo criativo e o que te motiva a escrever?

A história, cultura, filosofia, o pensamento, a arte... tudo o que significa e constitui a nossa história negra na humanidade me motiva. Esse é o meu lugar de inspiração, análise frente a conteúdos e de construção de pensamento a partir do que já nos fala. Em março tenho um conto no universo dos clãs mágicos em África, que foi inspirado por bell hooks e Conceição Evaristo, sobre mulheres negras, e isso é maravilhoso, pois a crítica ocidental gosta de chamar as nossas produções de "didáticas" como se as ocidentais que se veem universais não o fossem um sistema didático de exclusão da existência de não brancos, e quando o inclui, quer que aplaudamos acima de nossas produções, já é res-

paldada pelo mercado que não a frustra e acolhe sua obra enquanto nos ignora com o seu aval "amigo". Sendo assim, o que me motiva a escrever é mostrar que toda a nossa gira existencial pode contar histórias em livros, audiovisuais, num palco, num *slam*. Ainda temos potencial a explorar se soubermos olhar para a nossa circularidade de tempo no mundo, a resposta está colocada e precisamos saber nos restituir dela e elaborar caminhos para trazê-la aos tempos de hoje. Já fiz essas experiências várias vezes em atividades e cursos, temos uma mítica gigante e linda que não chega aqui, mas o que vem já causa efeito; para além da mítica dos orixás, temos um monte de histórias que podem nos fazer olhar para tudo diferente. Mputu me fez construir uma narrativa incrível em Ísé-gún. Tenho outros escritos que ainda não foram pro mundo, mas que são resultado desse aprendizado. A minha motivação e processo criativo giram juntos. É desse lugar que saem histórias e pensamentos que compartilho com as pessoas.

O que levou você a escrever ficção especulativa?

Acredito que o acesso a mitos me motivou a olhar para eles e para o mundo e ver caminhos especulativos negros totalmente possíveis. Aprendi com o pensamento negro a fazer essa transmutação, que olha a cultura, a ancestralidade, e a elabora num modo de ver o mundo: Fanon, Sueli, Gonzalez, Asante... esses pensadores e tantos outros inauguram essa gira, e olhar a mítica, a história, a cultura, tudo o mais, faz o resto. Se a pessoa negra se permitir adotar essa perspectiva pra vida, consegue ver também num caminhar contínuo. Não é coisa de ocasião e nem deve ser temida. É apenas se livrar da perspectiva ocidental branca que nos faz tanto mal, mutila,

machuca, cega... é ser livre. E minha dinâmica especulativa vem dessa noção de ser livre, mas não penso a dimensão especulativa nos termos ocidentais, construídos em paridade com a escravidão, racismo científico, trampolins para as revoluções industriais e tecnológicas. Penso nosso especulativo imaginando os mundos, multiverso é assunto velho pro povo africano contado em qualquer roda de criança. Na rua, os mais velhos ouviram de mais velhos, têm em nossas histórias antigas lá em Kemet, que podem tranquilamente se conectar a uma história dentro de uma escola pública, numa comunidade, tendo suas vieiras como caminhos e enigmas para se encontrar um escriba que pode mudar um perigo eminente... imagine esse escriba como aquela senhora do sacolão, com um caderno da vida nas mãos? Deu para entender... foi essa capacidade que nos tiraram, mas não saber nos torna reféns da "originalidade do ocidente", e isso é o que acaba conosco e os faz "universais". Estudar me fez ver isso, como se tornaram destruidores da história de outros povos para alavancar a sua e para acumular recursos milênios antes do nome capitalismo. Então posso dizer que especular em termos *africana* liberta, muito mais que a originalidade, permite se elaborar um pensamento, uma análise que nos contempla e acolhe por falar conosco. Essa é a máxima do especular para pessoas negras, dá para ir além, através e por dentro das histórias que nos contam mais de nós mesmos.

Há inúmeros textos acadêmicos que referenciam as suas obras e muitos pesquisadores conectam suas produções literárias e acadêmicas ao movimento afrofuturista. Pode falar um pouco sobre esse conceito

e como a sua obra se encaixa nessa perspectiva?

Primeiramente, eu fico muito feliz em saber disso, adoraria que me contassem mais sobre isso, mas já dá um ânimo enorme ter consciência que está acontecendo um movimento desses, de pensar e análise negres. E sendo as minhas obras afrofuturistas de perspectiva afrocêntrica ainda mais. O Afrofuturismo é um assunto tão gigante quanto a sua dimensão de movimento, que é pontuada na década de 1960, com os pensamentos de várias pessoas negras, e também em 1990 por conta da nomenclatura que pegou e que veio de um cara branco, colega dos autores afro-americanos Greg Tate, Tricia Rose e Samuel Delany, fantásticos e que começaram um movimento de ficção especulativa negra décadas atrás, lá em 1960, um pouco antes (nos EUA, o especulativo data de meados de 1850). Ler essa entrevista é muito interessante (*Revista Ponto Virgulina*, Ed. 1 - Afrofuturismo, 2019) porque eles fazem mil referências a essa história negra literária, incluindo o especulativo como um todo, e você vê que a coisa começa na educação, nos museus de história negra, dentro de casa, nas inspirações do cotidiano e ativistas. É um discorrer de análise incrível e ainda falamos pouco disso, do impacto de educar para a mudança, para além do ser reativo, ser construtivo ou apoiador de quem o faz. Isso é muito forte lá porque existem algumas brechas para isso, mas aqui não, a América Latina parece plural por cima, colorida racialmente, mas é um canteiro de imenso controle racial branco, especialmente subjetivo. E o Afrofuturismo é uma possibilidade diferente, construtiva e analítica que nos instiga, pessoas negras, a abandonar o ocidental branco como centralidade e trazer

nosso olhar do ontem para o hoje e vice-versa para a nossa centralidade, nos fazendo ver o que não víamos antes. Nesse movimento, o especulativo é global, da história passando pela arte, o pensar. É um movimento com capacidade de aportar em qualquer canto onde existam pessoas negras e absorver o que está lá para construir uma centralidade. E mesmo que tenha mil outros nomes, vamos nos reconhecer na prática de ser um movimento educador, como diria Nilma Lino Gomes, se desvencilhando da psiquê da branquitude, como diria Fanon, para enfim aquilombrar os nossos, como diria Beatriz Nascimento, a partir de um olhar especial para os meios e enfrentamentos, como diria Abdias e Milton Santos. E não vejo a hora de cair e se espalhar pela América Latina, que ainda nos é pouco conhecida em termos de pensadores negres que podem nos ensinar muito. Mas existem, sim, alguns pontinhos que marcam o movimento: 1) Tanto a autoria como o protagonismo narrativo são afrocentrados (pautados e pensados pela experiência e pensamento negros); 2) A afrocentricidade é o íb (coração), o sistema estético-político da pessoa negra e sua obra (filosófica, político e culturalmente entendendo África e diásporas negras como sua matriz); 3) Sua produção sempre deve reconstituir as lacunas provocadas pela fratura ontológica do racismo sob seus elementos culturais em qualquer tempo. No caso da literatura, o campo ficcional é a ficção especulativa afrofuturista; 4) A raça é uma tecnologia sociorracial, cultural e histórica, subvertida no sentido (antigo e atual) e importante para questionar e localizar as vozes e presenças ao redor dos acontecimentos, mesmo quando subentendida; 5) E sendo do interesse, o afrofuturista pode e deve elaborar

epistemes e/ou métodos (característica afrocêntrica) que contribuam para com a racionalidade negra, regida por um pensamento de circularidade em qualquer meio narrativo. E com o que leu aqui, pode ir ao meu site e ler os contos, os textos, assim fica mais fácil entender como minhas obras são afrofuturistas, pois, se fosse analisar, ia dar um livro e um período inteiro de aula, e eu nem esbocei nada sobre a Afrocetricidade. Então é possível ver como há muita coisa a se falar. E mais, a Ficção Especulativa Negra antecede e atravessa a literatura afrofuturista, andam em paridade e misturadas ao mesmo tempo.

Sua trajetória ocupa diferentes lugares, como educadora, escritora e pesquisadora do afrofuturismo. Como é a recepção de suas produções na academia e no mercado editorial? Há simetrias ou divergências em como suas produções são recebidas nestes lugares?

Eu adoro a minha trajetória e como uma coisa não pode ser desvencilhada da outra, a educadora, a escritora e a pesquisadora, pois cada ato remete a um aprendizado que se escreve em texto ou de modo literário. Isso mostra a complexidade e a dimensão de nossos conhecimentos, fundamentos, conteúdos... é enorme e ainda nem tenho tanto conhecimento assim. Mas, falando em academia e mercado, a coisa toda tem dado os seus passos, mas ainda muito vindo de pessoas negras. Não tenho enganos sobre isso e, não, o Afrofuturismo não está bombando, isso é discurso, mas dá seus passos sim e não pode negociar a sua humanidade centralizante. E, não, não olho para o mercado formal como um espaço aberto a receber o que escrevo. Acredito que precisamos ter nossa mão nesse mercado, ou melhor, um mercado a mais,

para não depender. Logo, precisamos de mais de nossas editoras, eventos e multiplicar por mil na população negra a importância da leitura, pois não posso olhar para esse mercado e fazer cálculos de leitores com pessoas que não são para as quais escrevo, não que não possam ler, mas porque não é o que buscam ler. Isso é um fato do mercado formal, e para quem viu o perfil de obras escritas, as pesquisas, o tipo de protagonismo, sabe que o homem branco é rei neste mercado onde se vê e se compra, se autoanalisa e injeta o dinheiro e o marketing. Precisamos pulverizar os espaços de escrita, as bibliotecas comunitárias, ler alimenta a nossa percepção e nos impede de repetir os erros se soubermos reconhecê-los. As obras negras que falam de caos são importantíssimas nesse lugar de esclarecimento, do "não está favorável", e precisamos desnaturalizar a Maafa, a desgraça racial em que nascemos, como algo natural. Então, sim, divergências e simetrias são reais na apresentação do movimento Afrofuturismo, assim como do pensamento negro, totalmente ignorado. A articulação circular desses conhecimento causa um baque na naturalização da universalidade branca e na crítica sobre isso, pois nestes espaços encontramos todos os tipos de pessoas, os abertos a entender, os negacionistas, as pessoas negras experienciando uma perspectiva de centralidade sem pedir permissão ou aceitação. Tudo é novidade, apesar de ser a revisão de uma das histórias da humanidade mais antigas do mundo. Isso mostra o quanto o racismo estrutural brinda a nossa psique e como a luta é gigante.

O que é literatura para você?

Literatura, para mim, é levar a gira da força das palavras e experiências negras para o ou-

vido das pessoas negras que a leem e assim provocar o movimento dentro delas, vibração que curte, questiona, contesta, se emociona e fica feliz. É provocar de tudo um pouco, até dor sem medo de aprender e entender. A nossa mítica, as nossas histórias e cultura há muito tempo fazem isso, e o que fazemos é um degrau a mais para contar tudo isso.

Para além da literatura: quem é Lu Ain-Zaila?

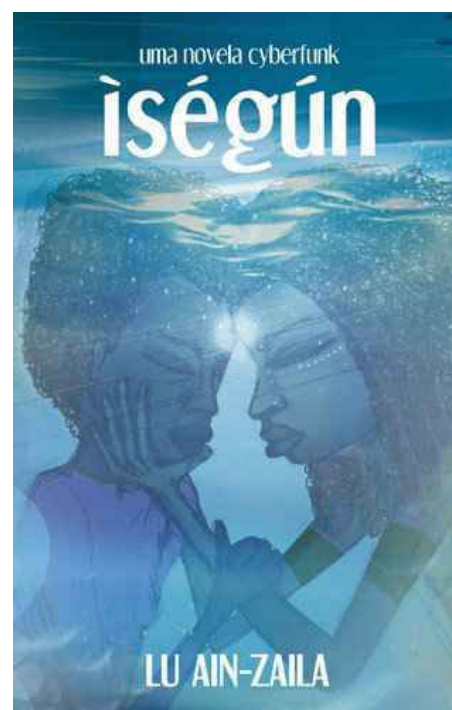
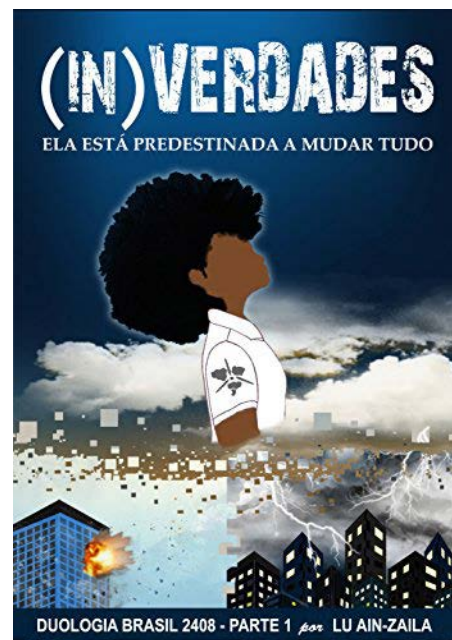
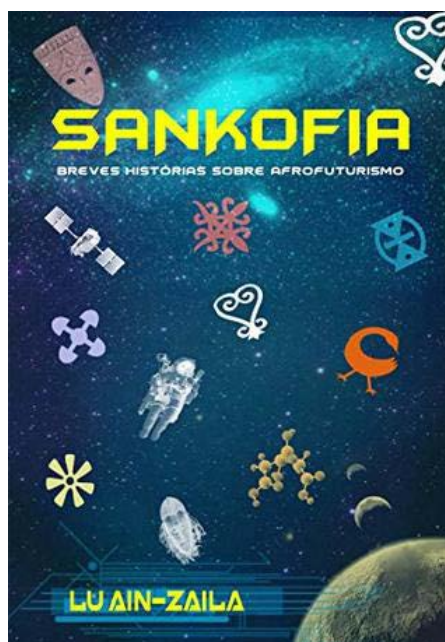
É uma mulher negra de 44 anos aprendendo a construir um caminho de liberdade para ser e fazer o que quer, se bem que sem dinheiro sobrando isso atrapalha, mas não impede de um todo. Os amigos para trocar são importantes nessas horas. Sou uma pessoa negra construindo formas de olhar o mundo e isso pra mim é vida, expandir as possibilidades que nem imagino. Sou uma pensadora em construção, alguém que insiste, rabisca e fica olhando pra parede imaginando as conexões. Óbvio que tem as coisas que todo mundo gosta: viajar, pernas pro ar vez ou outra, o de sempre que pode ser compartilhado, mas a Lu Ain-Zaila é Luciene também. É um caminho de uma vida inteira, e essa é uma vitória e tanto, que já vivo um pouco todos os dias entre os percalços incontroláveis da vida.

Qual mensagem você gostaria de deixar para leitores que estão conhecendo agora suas obras? E para autores que estão se aventurando no Afrofuturismo?

Espero que leiam muito, cada vez mais, e apoiem projetos negros, conheçam o mercado negro e vejam que temos grande potencial nos enxergando. Desejo também que se lancem mais no pensar dessas obras, o que curtiram, tragam suas curiosidades, perguntas,

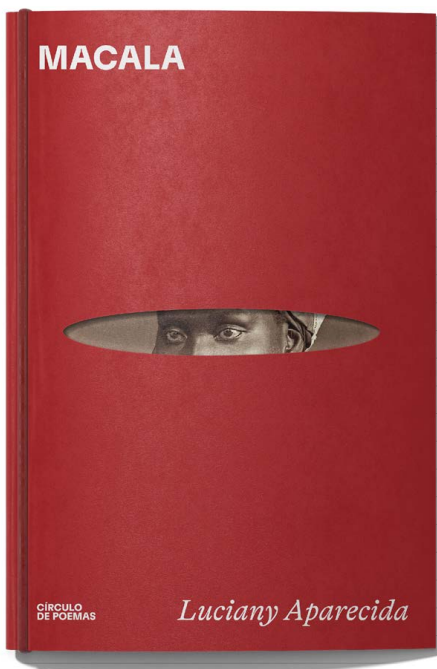
nos deem retorno, gostamos muito disso, contar mais das obras. E aos autores... que se lancem profundamente em nossa história negra da humanidade em África e nas diásporas. Existe muita coisa para nos debruçarmos, mal arranhamos tudo isso em vários campos ainda a serem contemplados por nossos conhecimentos. Temos muito o que crescer. E que nossas histórias e outras ações inspirem a tomada de inúmeros caminhos através de nossos leitores para que possamos dizer num futuro mediano que inspiramos carreiras que estão fazendo a diferença, mudando o que está aí. É isso...

Juliane Vicente é multiartista, escritora, performer, slammer e cientista afrofuturista. Atua como ministrante de oficinas de escrita criativa e possui contos publicados e premiados em diversos selos editoriais nacionais e concursos literários nacionais e internacionais. É bailarina do Grupo Andanças. Como professora, doutoranda em Comunicação e produtora cultural pesquisa a indústria criativa com investigações e projetos sobre os processos de criação artística.



Macala acesa

Por Heleine Fernandes



1.

Meio-dia, hora cheia. A luz do sol reluz prateada sobre as ondas salgadas do Índico, que, como um espelho, cega e faz ver. Com esta luz atemporal, tomada emprestada dos versos da poeta moçambicana Noémia de Sousa, Luciany Aparecida nos revela *Macala* (2022), plaquete publicada pelo Círculo de Poemas, coleção de livros de poesia das editoras Luna Parque e Fósforo. A plaquete, feita sob encomenda, parte do seguinte mote: “Escolher uma pintura/anterior ao século XX,/ escrever um poema/ no século XXI./ Oh triste século XX,/ o que você nos legou?”. Para a plaquete que inaugura a coleção, Luciany Aparecida escolheu escrever a partir da fotografia *Mulher negra da Bahia*, de Marc Ferrez.

Apesar da fotografia, em um primeiro olhar, dar uma impressão de fidelidade ao real, somos colocadas/os diante de uma fotografia de estúdio, posada e produzida por volta de

1885, portanto, em um período pré-abolição da escravatura. Se trata do retrato de uma mulher jovem, bela e imponente, ricamente adornada com joias de prata, balangandã, rendas e tecidos nobres, cuja presença toma de assalto. Apesar de tamanha expressividade da fotografada, dela pouco sabemos. Quem é aquela cujo nome se perdeu entre os interesses do fotógrafo e seu público? Por mais que tudo indique se tratar de uma mulher liberta, as lacunas do nome e história individual já são índices do quanto de liberdade lhe cabia em uma sociedade marcada pela ferida colonial.

É na trilha desse mistério que Luciany Aparecida – não por acaso, também uma mulher negra da Bahia – encena os versos em que a mulher fotografada fala. São versos feitos, sobretudo, para os ouvidos, pois a mulher, de fato, fala. Ao longo de um poema em onze atos, a mulher da fotografia se dirige a nós, leitoras e leitores, e coabitamos o mesmo tempo.

“Meu tempo é uma serpente de pano/ que nunca envelhece/ mas que é muito antiga”. Ao olharmos intensivamente para a fotografia, o que é bastante favorecido pela ótima qualidade da reprodução da imagem que abraça a plaquete, nos conectamos a este tempo. A fenda, a brecha ou o portal de acesso a essa temporalidade está nos búzios de carne, metáfora para os olhos e para o que aquele olhar desviante viu, vê e faz ver. Se os búzios foram uma das principais moedas de troca no comércio de corpos africanos, eles também são oráculo, ferramenta de divinação, contato com os

deuses, tecnologia que permite ver o que está por vir e traçar estratégias para o bem viver. Que mensagem o olhar macambúzio da mulher fotografada quer nos transmitir?

No presente, aquela cena antiga continua a acontecer; porém, desta vez, a mulher sai do lugar congelado de objeto da câmera (e do fotógrafo) e nos interpela. Ela deixa de servir à construção da imagem do Brasil pitoresco, cordial; da pessoa negra como exótica, personagem plana, sem complexidade; fetiche a ser comercializado em cartões postais e souvenirs, como era de costume durante o Império, o que a pesquisadora Hanayrá Negreiros chama de “narrativas visuais produzidas” através de um “extrativismo amigável”, de que fala Jota Mombaça. A narrativa que rompe o silêncio da apreensão da imagem é outra. Através dos versos, Luciany Aparecida constrói uma contra-narrativa nada cordial para essa imagem da mulher negra fabricada pela máquina-ótica colonial.

Macala fala. Desde o mistério da subjetividade da mulher cuja imagem contemplamos em silêncio. É este enigma que sustenta sua expressão facial, o volume de sua saia e a amarração de seu turbante, e preenche o seu punho cerrado. Fala o que está na superfície da imagem e também o que está soterrado nela por dispositivos silenciadores e desumanizantes.

Afinal de contas, o racismo opera em uma dimensão ótica, produzindo imagens distorcidas que servem para justificar a objetificação, a exploração, a privação de liberdade e a morte

de pessoas melaninadas. Referindo-se ao cinema branco, Fanon compara as imagens racializadas dos personagens negros a uma amputação.

Contra esse dano, *Macala*/fala.

2.

Macala nos faz mais do que um convite, um apelo ou uma oferta: os versos colocam nas mãos letradas a cálida ferida colonial.

Segura!

Macala.

Esta palavra enigmática vai desabrochando seus muitos significados de brasa acesa, ferida viva, colo de mãe, memória, palavra incendiária. Terminado o último ato, descobrimos que se trata de uma palavra da língua ronga, falada em certas regiões da cidade de Maputo, em Moçambique. Essa palavra, que se repete sonoramente ao longo dos versos e dá título à plaquete, restitui através da ficção o pertencimento da mulher a um território, a uma língua, a uma tradição cultural, à memória de um povo; e, talvez por isso mesmo, *Macala* funcione também como um nome próprio para aquela cujo nome de nascimento foi apagado. Cabe pensar os efeitos dessa restituição tardia no presente e em quem lê.

O gesto narrativo de Luciany Aparecida se volta para o passado, para o arquivo colonial, como estratégia para acessar e intervir no presente em que a brasa colonial continua a marcar corpos negros descendentes e africanos refugiados em novas diásporas. Como romper com o trauma que, em looping, constantemente, se reapresenta? Saidiya Hartman, em seu ensaio "Vênus em dois atos", faz uma consideração muito pertinente sobre a relação entre a escrita do presente e a possibilidade de construção de um futuro pós-traumático:

Conforme eu a entendo, uma História do presente luta para iluminar a intimidade da nossa experiência com as vidas dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um 'estado livre', não como o tempo antes do cativo ou da escravidão, mas como o antecipado futuro desta escrita (HARTMAN, 2021, p. 110, grifo meu).

Vejo *Macala* como um texto que participa desta luta pela liberdade por vir, entrando na disputa pela narrativa da história do presente (que em muito não se diferencia da disputa pela narrativa da história do passado). Como bem disse Saidiya, um caminho para essa luta é a construção de intimidade com os antepassados, com os mortos que continuam vivos, adubando e guiando nosso crescimento. Luciany Aparecida nos ajuda a criar essa cumplicidade e possibilidade de conexão, lançando uma nova luz a essa fotografia de Marc Ferrez (nome que apaga o nome da mulher, como dói!). "Volta sobre minha imagem/ e vê meu búzio de sangue". Os versos demandam que enxerguemos a mulher fotografada através de um outro tempo e de outros olhos.

Macala estende seu punho cerrado e coloca a ferida colonial para queimar em outras mãos que não apenas a dela, propondo uma distribuição dos danos da violência que funda a modernidade. É uma proposta de corrosão. Nessa cena, me vejo no lugar de quem já tem a brasa queimando nas mãos. Então estendo o punho, irritada e impaciente, suportando o enjoo diante de uma liberdade que ainda não se consolidou. A sensação de véspera de uma abolição ainda não proclamada continua

latente em 1885 e em 2022, pois a liberdade ainda precisa ser conquistada. Conquistada, e não concedida. Conforme lembram os versos cantados do samba-enredo da Império Serrano de 1969, *Heróis da Liberdade* (Silas de Oliveira/ Décio da Viola/ Manuel Ferreira):

Já raiou a liberdade

A liberdade já raiou

Esta brisa que a juventude afaga

Esta chama que o ódio não apaga pelo Universo

É a revolução em sua legítima razão.

3.

Macala é chama viva que o ódio não apaga. "No dia do meu nascimento / sou feliz". Um de seus significados está atrelado ao nascimento da mulher, ao começo da vida e sua possibilidade, à luz do sol que brilhava sobre o Índico, em África, berço da humanidade. Essa luz, a que já me referi, é a primeira epígrafe do livro e faz referência aos dois primeiros versos de "Poema da infância distante", de Noémia de Sousa. A vida se impõe, mesmo ameaçada pelo estigma, pelo sequestro e pela morte, antes do trauma:

ouço o choro da minha mãe.

Dondera d'Amores

segura meu corpo alegre e estende

meu sorriso aos braços de minha mãe (...)

em seu colo negro

somos *Macala*

Macala também é esse amor primeiro de mãe que, interrompido pelo tráfico, é atravessado por uma dor irreparável que os versos nos convidam a sentir. Luciany Aparecida cita na epígrafe e em alguns outros momentos o clássico verso de Carlos Drummond de Andrade, em "Confidência de um Itabirano": é apenas uma fotografia na parede... "Mas como dói!". A ironia drummondiana nos faz entender que

uma fotografia nunca é só uma fotografia. A subjetividade e a melancolia do filho da Casa Grande, herdeiro dos escravocratas do passado ("Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público") causa emoção e identificação em tantos leitores e leitoras... Por que a dor de pessoas escravizadas e seus descendentes não mobiliza semelhante empatia? Minha hipótese é que essa empatia é incompatível com o funcionamento da máquina colonial ainda em operação, fundamentada na exploração daqueles que se diferenciam do padrão de humanidade branco-ocidental-heterocisnormativo. Seria possível humanizar Macala através da escrita? Ela nos diz: "A dor, brechas". Seria essa identificação a brecha para um fim de mundo, como o formula Jota Mombaça (2021, p. 82): "A luta da descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo – o fim de um mundo"?

O sujeito lírico itabirano do poema de Drummond oferece a quem lê uma "pedra de ferro, futuro aço do Brasil"; a sujeita lírica diaspórica do poema de Luciany Aparecida nos oferece a Macala em brasa, que corrói, ameaça e é, ao mesmo tempo, possibilidade de um novo mundo.

"Adeus, mamãe". Esta última fala, que encerra o último ato, lança luz sobre perdas irreparáveis: a quebra dos laços familiares de parentesco, o esquecimento de uma linhagem, a desconexão de um povo e região de origem no continente africano, a impossibilidade de retorno. Me chama a atenção que, historicamente, muitas mulheres, como a fotografada por Marc Ferrez, ocuparam o lugar social de mães de comunidades negras em

uma lógica de família estendida, atuando como chefes de família, orientadoras, guias espirituais e lideranças comunitárias. Foram quituteiras que, através da expertise culinária, sustentaram muitas vidas negras e financiaram a compra de alforrias. Foram mães de santo, que organizaram os terreiros como espaços de recriação do território africano na diáspora brasileira, mantendo viva a memória dos saberes ancestrais. Foram integrantes de irmandades religiosas negras, que ofereciam redes de apoio e cuidado em momentos desafiadores. Foram tias do samba que, como tia Ciata, deram sustentação à região quilombola chamada Pequena África, no Rio de Janeiro.

Mulheres nutridoras da comunidade, guardiãs da população afro-diaspórica. Poderia o futuro ser também Macala acesa, parte do mistério que a mulher nos entrega?

ouve agora?

sou eu
Macala

Heleine Fernandes é poeta, professora e doutora pela UFRJ. Finalista do Prêmio Jabuti com o livro de crítica literária *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Lívia Natália e Tatiana Nascimento* (Malê, 2020), é também autora do livro de poemas *Nascente* (Garupa/Ksa1, 2021).

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. *Reunião* (10 livros de poesia). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

APARECIDA, Luciany. *Macala*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*. In: SPILKERS, Hortense J. et al. *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 edições, 2021.

_____. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.



Luciany Aparecida. Foto: Divulgação

Inéditos

Leia com orgulho

GRANDES GOLES DE CAFÉ

Anderson Silva

Para Leo. Hoje, meu único amor.

Sua boca, hábito de café. Seu corpo, da cor de café; preto, quente e forte. Agito-me com seu toque e não consigo dormir. Deitados, nós nos beijamos com amor, sentimos o calor de cada um e ficamos espertos. Bem diferente da primeira vez em que nos encontramos, pois estávamos cansados, ambos vindo do trabalho, ambos com cara de sono, os dois em uma cafeteria.

Eu havia chegado primeiro e esperava meu cappuccino para reanimar minha mente depois de uma noite no escritório. Sentado ao balcão, eu o vi entrar, refletido nos vidros das estufas. Ele entrou e trazia um semblante mais cansado do que o meu. Aproximou-se e ficou quase debruçado no balcão de madeira, apoiado nos cotovelos, perto de mim. Olhava-o de soslaio de vez em quando e ele, mesmo com olheiras profundas, era lindo, meu deus! Alto, cabelo curto no estilo militar, pele negra, minha pele. Chegou o atendente: "Bom dia, me vê um café bem forte". Esperou.

O meu veio primeiro, mas bebi devagar, tentando descobrir mais sobre ele, mesmo que só pela observação. Vigia, eu achei. Lanterna e roupas pretas, botas mesmo no calor de julho. *Mas há firmeza somente na inconstância*, pensei. E o cappuccino acabou. Carteira, troco. "Obrigado e volte sempre". Porta fechando. Caminhei alguns passos pela calçada vazia. Porta abrindo. "Ei", ele gritou. Virei e o vi segurando minha carteira. Tinha esquecido no balcão, ele me contou. Conversamos alguns minutos e agradeci. Fernando, podia chamá-lo de Nando, confirmou que era vigia.

Teria sido só isso, mas o perguntei se gostaria de tomar outro café ou lancha talvez, em forma de agradecimento, ele aceitou. Entramos, tomamos mais da bebida, falamos sobre a vida, de como eu sou esquecido, de como ele estava cansado e de como adoraria mudar para um emprego mais perto. Falei que talvez no escritório tivesse vaga para vigias, não sabia, trocamos te-

lefone. Tinha, realmente tinha. Nos tornamos conhecidos, depois amigos.

Vieram outros e mais outros lugares que não uma cafeteria, mas gostava de convidá-lo para tomar café depois de um expediente prolongado, às vezes de propósito, para ir àquela cafeteria. Mas vieram também outros encontros. Hoje, no quarto, bebo seu beijo açucarado. A cafeína do êxtase expressa nos seus lábios se manifesta, entra no meu corpo – pupilas dilatadas, nervos arrepiados. Estou queimando de prazer, suo com o calor. Estou bebendo grandes goles de café.

Antonio Anderson da Silva Bessa (1999 -) é cearense da cidade de Ipueiras, possui formação em licenciatura em Letras com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE, atua como professor de Língua Portuguesa, Literatura e Arte na Rede Estadual do Ceará e é aspirante a escritor, abordando temas relacionados à cultura e à população negra-brasileira.

Ana descansa na varanda. Alguns anos atrás, ainda na infância, perdeu sua mãe, aquela que era seu alicerce. Ana descansa na varanda. Alguns anos atrás perdeu seu pai. Aquele que nunca quis ser seu chão. Seis tiros ecoam em seus ouvidos. Será que doeu? Sua mãe, mulher de muitos silêncios, seu pai, homem de muitas palavras, ambos imigrantes no próprio país. Ana descansa na varanda. Herdou a personalidade do pai e a aparência da mãe. Ana descansa na varanda pois os ombros doem, cansada de mergulhar em suas próprias histórias... Ana tem medo de morrer jovem como os pais, mas ainda não sabe se gosta tanto assim da vida. Ana descansa na varanda pensando em sua mãe, que nunca pôde fazer isso porque não havia varanda na casa de um cômodo só que abrigava Ana, sua mãe e sua irmã mais velha, enquanto seu pai construía casas para "grandes homens" e com isso sustentava sua outra família: a branca, quase perfeita, aquela que outras famílias conheciam.

Ana é fruto dos deslizes éticos do pai e da solidão preta da mãe. Ana sabe que nunca foi classe alta nem pele alva e descansa na varanda, mas não descansa. Ana não sabe o que esperar do amanhã e nin-

guém neste mundo sabe, mas em Ana as incertezas causam urticárias, taquicardias e dificuldades no sono. Ana descansa na varanda enquanto o vento bagunça o seu cabelo afro, escuro como Ana e por isso alvo das piadas mais pesadas, piadas não engraçadas e que não deveriam se denominar piadas. Ana acarícia sua própria pele iluminada pelo sol da varanda. Ana adora o seu tom, é a mistura do bronzeado do pai e o escuro retinto da mãe.

Ana descansa na varanda e lembra da mulher que amou naquele mesmo cômodo dias antes. Ana se casaria, teria filhos, mudaria completamente de vida se aquele corpo negro e feminino ficasse ali para sempre. Ana descansa na varanda e lê atenta a mensagem do homem que passou a noite em sua cama no dia anterior. Ana também largaria tudo por aquele amor, recomeçaria do zero, adotaria um cão, deixaria tudo para trás. Ana não se preocupa em amar demais. Ainda na adolescência, Ana se percebeu pessoa que ama pessoas, no plural, e isso lhe pareceu a coisa mais fantástica do mundo. Jamais lhe ocorreu que o amor seria ofensivo aos que não sabem amar.

Ana descansa na varanda, mulher adulta, vendo escorrer sua ingenuidade, en-

tendendo o mundo como ele é: cruel! Não para todos, mas para as pessoas como ela: igual à maioria, mas diferente dos que dominam.

Ana descansa na varanda e confronta a si mesma sobre os motivos de estar ali. Se sente mediANA em tudo, não realizou grandes feitos, não é impecável em nada...

Ana descansa na varanda próximo dos seus 24 anos e se cobra, se cobra, se cobra...

Ana quer ser o sonho de sua mãe, a vitória de seu pai. Ana tem mágoas de seu pai e ainda espera por sua mãe. Ana descansa na varanda exausta, sabe pouco e entende menos ainda, mas sente que será grande. Ana descansa na varanda e finalmente descansa. O Amanhã não pertence a Deus, o macho, pertence à Ana, a fêmea. Ana tem algo que nem os homens nem os brancos poderiam roubar: todos os sonhos do mundo!

Polyana De Ruas é mulher, preta, bissexual e instrutora de yoga (não necessariamente nessa ordem). Filha da Cleidmar e do Pedro; Cria do Jardim oratório em Mauá, ABC Paulista e hoje, moradora da cidade de Valença no baixo-sul da Bahia. Escrevendo para honrar a memória dos que se foram e me manter viva no país que mais mata pessoas como eu.

UM AMOR PASSAGEIRO

Agda Beatriz de Souza

Eu sabia como isso terminaria, desde o começo.

Na primeira vez que eu a vi, ela estava sentada no banco da janela. As mãos gordinhas seguravam com delicadeza um Atlas do Céu, passando as páginas na velocidade dos caracóis. Era linda. Despretensiosamente linda. Como se possuísse todo o tempo do mundo. Os cachinhos pretos minúsculos balançavam, volumosos, com o vento ao encontro das bochechas redondas e lábios cheios, às vezes escondendo os olhos fixos nas páginas grossas.

Atrevi-me a olhá-las também, espiar entre as páginas escuras as imagens de estrelas, nebulosas e constelações. Não pude me concentrar, no entanto. Eu estava perfeitamente dividida entre o movimento de folhear das mãos fofas, o adivinhar de seus pensamentos e a movimentação do mundo por si só. Será que ela estava imersa nas páginas? Será que imaginava a pequenez humana ou a colonização de Marte? Ou será que, como eu, naquele instante, passava pelas fotografias noturnas e legendas pequenas sem a plena vontade de saber?

O vai e vem dos passageiros e os ruídos ordinários abduziram-me sem dificuldades, de volta ao nosso lar. Abduziram-me da contemplação de sua camiseta listrada – branco e verde água –, daquela beleza ordinária fascinante. Emergi uma última vez antes que o meu olhar fosse para sempre arrastado na direção daqueles olhos pretos, quentes, doces. Olhos-buracos-negros.

Então sorriu para mim num contraste ingênuo. Ela não sabia, mas eu estava em suas mãos. Encarei a pintinha pre-

ta acima dos seus lábios marroms, como se devesse lembrar de como respirar, antes que o olhar me sequestrasse de novo. A minha boca sorriu também. Eram as cócegas das borboletas rebeldes no fundo da minha barriga. Depois disso, conversamos sobre estrelas, ciência e viagens no tempo. Ela me falou sobre o seu livro favorito e me convidou para tomar um café, quem sabe um milkshake.

Eu a beijei três semanas depois, sob o sol escaldante de dezembro. Ela cheirava a protetor solar, água do mar e gloss de cereja. O meu coração palpitava, com medo de que aquele primeiro sorriso não voltasse, mas ela me beijou lentamente, entre um riso e outro, me lembrando de seus poderes sobre os relógios, então deixou o rosto cair preguiçosamente sobre o meu pescoço, permitindo que eu sentisse o calor da pele negra lisa.

Em fevereiro nós dormimos juntas. Descobri uma nova tatuagem e um bumbum em formato de coração. Gravei em minha memória as cicatrizes, estrias, pintinhas e tatuagens espalhadas pelo corpo volumoso; cada formato, textura ou curva que narrava a sua história. Ela fez panquecas horríveis e um café forte. Comi e bebi com um sorriso no rosto, sem de nada reclamar. Foi quando eu soube que estava apaixonada.

Em abril, eu disse que a amava e ela sussurrou o mesmo como um segredo. Deixei de contar os meses. Passaram-se anos e anos, mas cada segundo ao lado dela era uma preciosidade. Um milagre. Aos poucos, ela me contou os seus medos, os seus sonhos, suas memórias. Deixei que ela me lesse também,

por inteiro, e já não andávamos sem as mãos dadas.

Ela se tornou minha melhor amiga, minha noiva e minha esposa. Decoramos o nosso apartamento seguindo paletas de tons de rosa e azul. Vieram os tapetes, as plantas, os bichinhos – Tapioca e Polaris.

Tivemos a nossa primeira grande briga, que durou longuíssimos trinta minutos. Ela bateu a porta. Eu bati a porta. Jantamos aquelas panquecas horríveis, rindo da nossa discussão. Fizemos amor na sala, no carpete felpudo que compramos juntas, e nossos mundos colidiram.

Quando eu acordei na manhã seguinte ela tinha ido embora, levando consigo um pedaço do meu coração. Afinal, nós esquecemos o porquê de termos nos apaixonado em primeiro lugar.

Eu telefonei, mas ela nunca atendeu. E quando ela apareceu na nossa porta meses mais tarde, perguntando se eu lhe daria um último beijo de despedida, mandei-a ir embora, com lágrimas nos olhos, ainda que escondesse no meu bolso um pedaço do seu coração.

Nos tornamos estranhas.

E poderíamos ter vivido não só esses, mas incontáveis outros momentos se alguma de nós, num milésimo de segundo, qualquer uma de nós tivesse a coragem de dizer algo como...

— Oi.

Agda Souza nasceu numa primavera de 1998. É filha de pernambucanos, carioca e graduada em Letras. Apaixonada pelos livros, passou a maior parte da infância na biblioteca. Ama doces e bolos na mesma intensidade com que ama imaginar histórias. Sonhadora e pseudoconfeiteira nas horas vagas.

O QUE RESTOU

Breno Gustavo Silva Freitas

No calor do dia se dorme o que não conseguiu durante a noite, pois, para sustentar-se, é necessário estar desperto e atento sob o frio da noite.

A rotina de Pablo há muito tempo tem sido a mesma. Caminhar de uma esquina a outra nas ruas estreitas e sujas, observar os carros que por ali circundam e atrair para si a atenção que os condutores distribuem entre aqueles que sobrevivem do mesmo ofício.

“A chuva de agora fez com que os algozes tenham ido, vou correr para casa”, diz a mensagem enviada por Pablo a Maxín, seu namorado.

Enquanto corre, a pele cor de ébano recebe as gotas de chuva e, sob a luz da lua, reluz o brilho da vontade de viver.

Nas redondezas da sua

casa, esgotado pela corrida, decide caminhar. Ao virar a esquina, percebe o som da sirene que vem ao seu alcance. O coração bate forte. “O que poderiam querer?”, pensa Pablo.

— Parado — diz a polícia. — O que faz na rua a esta hora?

— Vou para casa — responde.

— Não, entra no carro. Recebemos uma denúncia de que alguém com suas características participou de um assalto nesta região.

— Mas não fui eu, te juro. Estive na rua 09 durante toda a noite.

— Silêncio!

Pablo sente o golpe na cabeça e cai no chão. Socos e pontapés são disparados com toda a força.

O coração de Maxín enche de tristeza. Ouve um disparo. O som da sirene que ouviu outrora já não está presente. Sente que precisa olhar a rua pela janela. Já não há o carro com a sirene, somente um corpo jogado ao chão. O reconhece imediatamente, pois, por muitos anos, foi ele sua fonte de ternura. Corre para ajudá-lo. Já não há o brilho que reluz a vontade de viver na pele cor de ébano. Resta o amor e a vontade de justiça.

Breno Gustavo Silva Freitas.

Estudante de Letras Português-Espanhol na Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador Voluntário de Iniciação Científica com o projeto intitulado “Gênero e raça no discurso midiático: interseccionalidade em pauta”, na UFS.

DOIS AMIGOS

Camila de Araujo

Para meu amigo Jacó, que está nos braços de Nanã

JOSUÉ

Josué estava acostumado ao fedor adocicado e enjoativo de bolas de futebol, raquetes de tênis e toda sorte de produtos esportivos, mas Miguel não. Se levou a sério a zombaria de outros funcionários da loja de que seria substituído por sangue novo, desacreditou quando o patrão apresentou os dois.

Aos dezessete anos de idade, uma época em que havia muito Josué já era homem, o outro demonstrava uma evi-

dente falta de experiência tão aparente quanto as espinhas espocadas que se espalhavam pelo rosto imberbe e mais claro que o do companheiro, retinto.

— Você, Josué, continua responsável por receber os pedidos, desempacotar e organizar o estoque. Já o Miguel vai fotografar o material e se ocupar das redes sociais. Ele é filho da Das Dores, que trabalha lá em casa, é quase da família — disse seu Inácio.

O primeiro dia juntos foi silencioso. Josué, que gostava

de conversar, até tentou puxar assunto. Falou do Botafogo e de mulheres, sem obter resposta. Em casa, depois de pegar dois ônibus para enfrentar a distância entre Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro, e Água Santa, na Zona Norte, contou sobre o colega para a esposa, mas não se alongou no assunto, já que logo embalou a mulher em seus braços.

— A Suany, do salão, vai comemorar o aniversário dela num bar na Lapa, vamos? — perguntou ela.

No início do relacionamento tinha medo de ser visto ao lado de Bebel por ela ser uma travesti.

— Vão te chamar de via-do, bichinha, baitola, fresco. Você tem que ser macho, muito macho. Olha para você, Josué de Paula, grande, alto, forte desse jeito. Você é o próprio Apollo Creed — dizia a si mesmo. Mas, no reflexo dos olhos de Bebel, enxergava um homem amado. Um homem negro amado.

Antes dela, a única pessoa que tinha gostado dele havia sido a mãe. O pai, na melhor das hipóteses, o ignorava, já que, quando dava por sua existência, era por meio de uma chuva de sopapos e solavancos. Um dia tinha decidido fugir de casa, era melhor virar menino de rua ou avião, mas a mãe o havia convencido a voltar.

As mulheres se sentiam atraídas por ele, Josué percebia, mas os encontros não ultrapassavam o carnal. Nunca havia um ombro nu para repousar a cabeça no dia seguinte, uma mão quente para passear por seus cabelos crespos.

Quando a mãe havia morrido, Josué estava no Exército, onde desejava fazer carreira, mas tinha sido dispensado. Depois disso, havia trabalhado como porteiro, pedreiro, ajudante de obra, auxiliar de caminhoneiro e o que rendesse um trocado para sobreviver até que um amigo, com quem havia dividido uma portaria na Rua Constante Ramos, tinha sabido da vaga de estoquista na loja de seu Inácio, no bairro. Bebel era manicure num cabeleireiro por perto. No vai-e-vem da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, havia tido início a troca de olhares entre os dois. E, conforme se envolviam,

pela primeira vez Josué tinha sentido o que era receber o que tanto ansiava em dar e querer também.

— Convida seu colega do trabalho, às vezes ele só é tímido — disse a companheira.

Quando saltou do ônibus, reconheceu Miguel dentro da banca de jornal. Viu quando o garoto furtou uma revista e a escondeu sob o casaco. Ele comprou chicletes para disfarçar e seguiu em direção à loja.

Pouco depois, quando Josué chegou, Miguel não estava na sala do estoque. A revista, sobre a mesa do computador, estava mal embrulhada no casaco. Se o patrão, do jeito que era, visse aquilo, era demissão na certa.

— Guarda isso, garoto, não deixa seu Inácio ver — alertou.

O rosto de Miguel queimou e, cabisbaixo, ele guardou o livreto na mochila.

— Desculpe — murmurou.

— Não tem problema — respondeu Josué.

— Olha, eu não sou bicha não.

O restante do expediente foi entrecortado pela chegada de caixas enormes e o clique da câmera de Miguel ao fotografar chuteiras, aros de bicicleta e quimonos de jiu-jitsu.

— Eu não entendo nada de tecnologia, celular e internet — disse Josué.

— E eu não entendo nada de esportes — completou o outro.

Com a cabeça apoiada na janela do ônibus, no trajeto para casa, Josué se lembrou dos amigos com quem convivia na adolescência, na comunidade. Os moleques sonhavam em se arranjar com mulheres brancas e, de preferência, loiras, espelhando-se

nos ídolos de futebol. Para eles, meninos negros que tinham se tornado homens negros, o casamento interracial significava uma ascensão social que quase os tornava brancos. Contudo, não para Josué, parceiro de uma travesti preta, acabou excluído pelos amigos dos becos e acessos. Sobretudo, depois da onda neopentecostal que havia se alastrado na favela e se unido ao tráfico.

Não pôde deixar de sentir uma nota de empatia pelo companheiro de serviço. O mundo é risco de morte para os homens negros, ainda mais árduo se eles não desempenham os papéis que são designados para sua cor de pele.

Demorou uma semana para que Miguel aceitasse o convite de Josué para almoçar no botequim do outro lado da rua. Miguel contou que cursava o ensino médio à noite, em uma escola voltada para a educação de jovens e adultos, ali mesmo, em Copacabana. No final do ano ia prestar o Enem, de olho nas universidades públicas, com o sonho de ser designer.

— Olha, nem sempre o patrão passa pelo estoque quando está na loja. Você pode estudar lá. Eu não vou te dedurar. Mete a cara nos estudos, garoto — disse Josué.

Com o pacto, durante a semana, Miguel conseguia abrir os livros e cadernos. Espremido entre traves de gol e cestas de basquete, estudava até o fim do expediente. Josué também aprendia, já que, na hora do almoço, o garoto o ajudava a mexer no celular. Até fez um Facebook para ele.

— Coloca aí: em um relacionamento sério com Bebel Spears... Não sei como escreve

o sobrenome... Ah! Que bom que você conhece. Também gosta?... A patroa é fã dessa cantora do estrangeiro. Escuta aqui, sábado eu vou num aniversário na Lapa. Quer ir? — disse Josué.

MIGUEL

Miguel não queria aceitar o convite, já que se sentia desconfortável e deslocado em festas. Costumava ajudar a mãe nas confraternizações que os patrões realizavam, mas a atividade explodia sua bateria social. Contudo, Josué era gente fina e Miguel não teve coragem de recusar. Às vezes até imaginava que seu pai, que não havia conhecido, era como o amigo.

O garoto já tinha percebido o quanto Josué queria se aproximar, mas Miguel preferia manter as pessoas distante. Não se reconhecia como alguém digno de interesse, sequer carinho, então se fechava porque, pior do que a solidão, é já ter experimentado o sabor do afeto que mais tarde é negado. Já havia se sentido assim diversas vezes. Com os amigos brancos que acabavam transformando-o em chacota, com os crias da favela, por não acompanhar o ritmo dos bailes, e em seus curtos relacionamentos. As meninas, com o tempo, o ignoravam. Poucas o haviam levado em casa e apresentado aos pais, sobretudo, as moradores do asfalto. Já os meninos, não eram melhores, o queriam apenas para sexo.

Josué tinha sido muito bacana quando ele havia largado a revista que tinha furtado da banca de jornal em cima da mesa. Poderia ter sido delatado ao patrão — que também era chefe de sua mãe —, virado alvo de piadas ou até

apanhado, mas em Josué podia confiar. Tanto que ele era quem mais o apoiava em não se convencer de que homens e mulheres negros não são capazes de conquistar o que desejam.

Ao chegar no local combinado, surpreendeu-se com a decoração composta por bandeiras LGBTQIA+ em todo o canto, com fitas de cores que representavam cada letra amarradas nas cadeiras e janelas do bar. Em uma parede, diversas fotografias de drag queens decoravam o local. Em outra, fotos de divas pop. De um karaokê, alguém cantava *Baby One More Time* em um inglês macarrônico.

Quando viu Josué em uma mesa cheia de gente, sentiu-se acanhado. Pensou em dar meia-volta, mas o amigo se aproximou dele rapidamente.

— Deixa eu te apresentar. Essa é a Suany, a aniversariante. Já a beldade ali, com o microfone na mão, é a Bebel, minha mulher. O resto são nossos amigos, ou melhor, nossa família — disse o amigo.

Miguel reparou no diverso grupo composto por travestis, transexuais, pocs, marombados de regata e um casal de lésbicas. “Com certeza ele sacou a minha”, pensou.

No início foi difícil conversar e lidar com a timidez, mas, aos poucos, se sentiu confortável como nunca havia estado em grupo. Sem ser julgado, ignorado e menosprezado. Queria ser parte deles e ser como Josué; chegar e apresentar o homem ou a mulher que amava e o amava de volta com o mesmo brilho que o amigo e Bebel exibiam perto um do outro.

A primeira pessoa para quem Miguel contou que pas-

soou para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Desen-

ral do Rio de Janeiro, em Desen-

nho Industrial, foi Josué. Os dois estavam no estoque da loja e, ao receber a notícia, o mais velho pegou Miguel no colo e o lançou acima de seus braços, em comemoração.

Miguel estava animado para experimentar essa nova etapa da vida. Iria sair da loja e planejava vender doces e salgados no campus para descolar um dinheiro. Além disso, havia poupado uma grana durante o ano. O menino tinha fome em construir a própria história e desenhá-la com suas mãos. Por mais congestionada que parecesse a estrada, preferia apostar que, apesar das dificuldades, na encruzilhada encontraria os caminhos abertos.

Miguel continuou na loja de esportes até as aulas começarem. Nas últimas horas de convivência diária trabalharam, riram e conversaram como costumavam. Ao meio-dia, a prosa se estendeu para a mesa do boteco, entre pratos de bife a cavalo e molho a campanha.

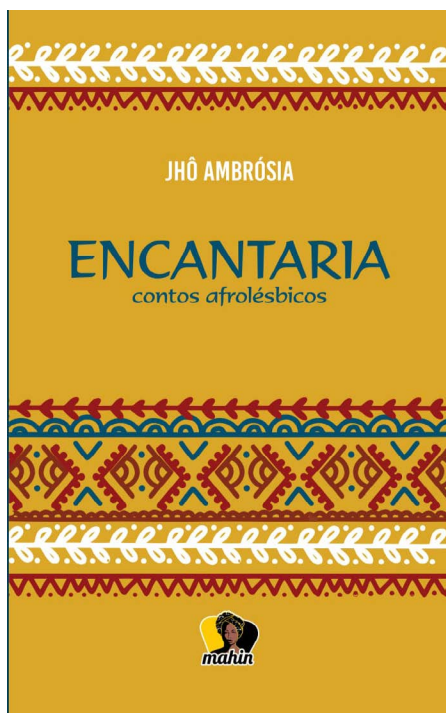
— Você vai ficar importante, metido e me esquecer — provocou Josué.

— Para com isso, você é meu melhor amigo — disse o outro.

No final do dia, os dois homens se abraçaram e Josué desaguou no ombro de Miguel. Este, ao sentir a água salgada atravessar sua camiseta, repousou a mão sobre a cabeça do amigo.

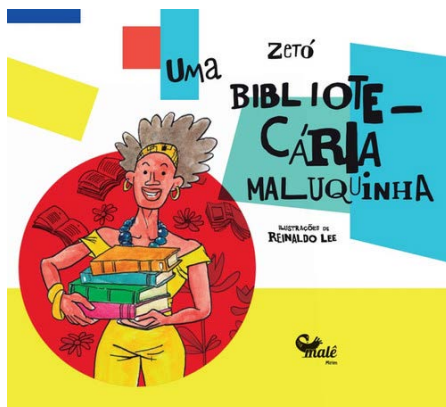
Camila de Araujo é formada em jornalismo pela PUC-Rio. Vencedora do Prêmio Rio de Contos e terceira colocada no concurso literário do Instituto Fome Zero, integra a coletânea Cartas para Esperança, da FLUP. Ela nasceu em 1991, no Rio de Janeiro.

Lançamentos



Encantaria - Jhõ Ambrósia

O foco de Encantaria é um tema universal – a relação e suas chances de sobrevivência. Todas as referências concentram-se no mundo das emoções; as narrativas demonstram uma concentração feroz no estado sentimental de cada mulher ignorando tudo que não alimenta este propósito.



Uma bibliotecária maluquinha - Zetó

Em uma biblioteca muito bonita, com um lindo jardim, mesmo não muito grande, mas cheia de livros há uma bibliotecária.



Os vigias de Sangomar - Fatou Diome

Em *Os vigias de Sangomar*, Fatou Diome retoma os temas da migração — uma marca do seu projeto literário. Coumba é uma nova versão para a solidão da mulher migrante na França, a forasteira que luta para se conectar com uma sociedade estrangeira.



Histórias de comunidades e bibliotecas - Org. Jorge do Prado

Neste livro você verá exemplos reais, no Brasil, do que Klinenberg mencionou. São histórias de afeto, compromisso, criatividade, mas ao mesmo tempo críticas, reflexivas e questionadoras.



Rio vermelho - Zeferina

Livro que conta através das poesias as fases da vida de Zeferina: menina, mulher, mãe solo, candomblecista, casada, divorciada e bissexual.



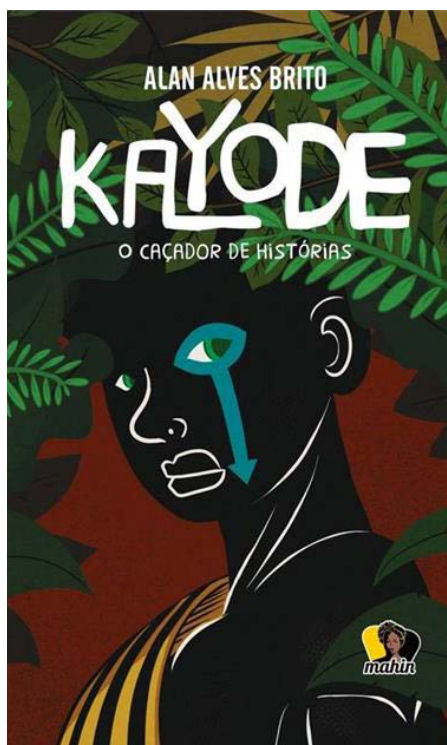
Quem me leva para passear - Elisa Lucinda

Em "Quem me leva para passear" Elisa Lucinda retorna a personagem Edite, do "Livro do avesso".



Os dias em que não te vi - Vagner Amaro

Os versos de "Os dias em que não te vi" compõem uma paisagem poética tendo como ponto de vista o distanciamento social.



Kayode: o caçador de histórias

traz como personagem principal um menino de 15 anos, falante de Yorubá, de uma região isolada do planeta Igbó, na cidade de Keturumí, cercada pela temida Floresta Encantada e pelos povos Dan, inimigos seculares do povo de Ojuobá.



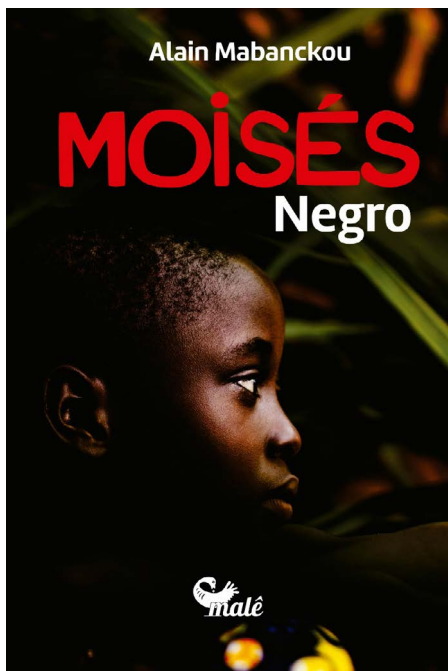
Palavras, suor, sonhos e você - Roquildes Ramos Silveira

Escrevo uma poesia de conceito e contextualizada, com uma narrativa contundente, sem deixar de ser suave, focada na cumplicidade com o leitor, proponho uma identidade, irmanado de uma consciência político-racial.

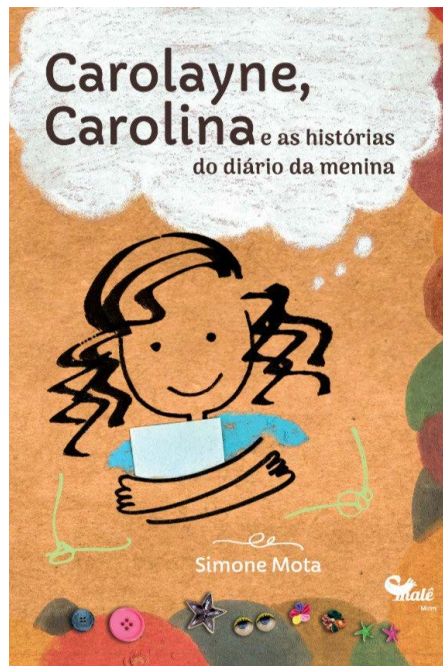


Saberes no pé de tambu - Antonio Filogenio de Paula

A expressão "Saberes no pé do Tambu" que dá título ao livro faz referência aos aprendizados que adquirimos com as pessoas mais velhas da tradição da Caiumba.



Moisés negro - Alain Mabanckou
Moisés Negro é a história da vida de um órfão congolês. O romance apresenta através do submundo de Pointe-Noire a realidade politicamente repressiva do Congo-Brazzaville nas décadas de 1970 e 1980.



Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina - Simone Mota

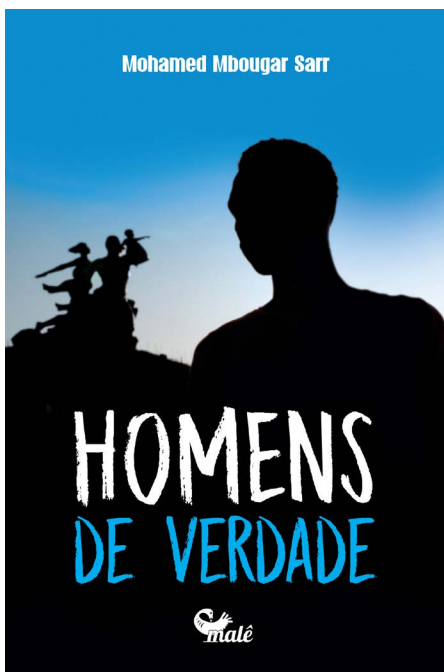
Carolayne desejava ter um diário - capa dura, cheio de detalhes e com chave. Numa de suas idas à biblioteca comunitária ouviu uma senhora reclamar de um diário e se aproximou para verificar.

versus aquilombamento – reflexões sobre as nossas mazelas cotidianas e suas consequências.



Cartas para esperança - várias autoras

A leitura dos escritos aqui reunidos é uma travessia guiada pela polifonia de memórias-mulheres que enunciam o direito de viver, sentir e narrar as nossas próprias histórias diaspóricas.



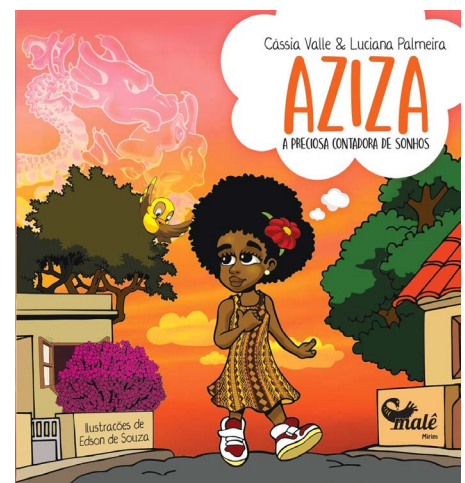
Homens de verdade - Mohamed Mbougar Sarr

Tudo começou com um vídeo viral, no Senegal, onde um cadáver de um homem é desenterrado e arrastado para fora de um cemitério por uma multidão.



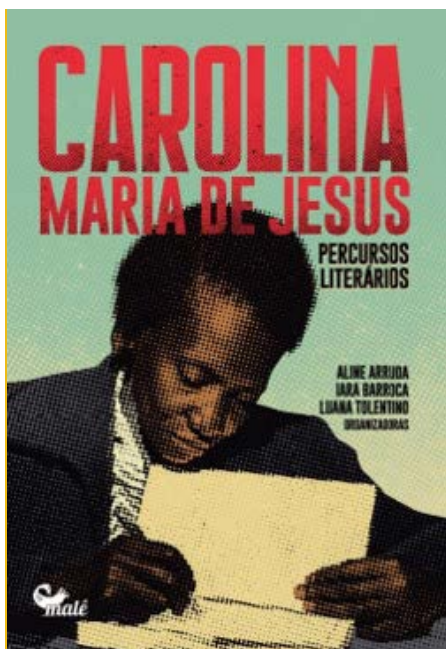
Um dia para famílias negras - Davi Nunes

Um dia para famílias negras é permeado por temas insuportavelmente comuns na atualidade: violência policial, racismo, branqueamento, integração



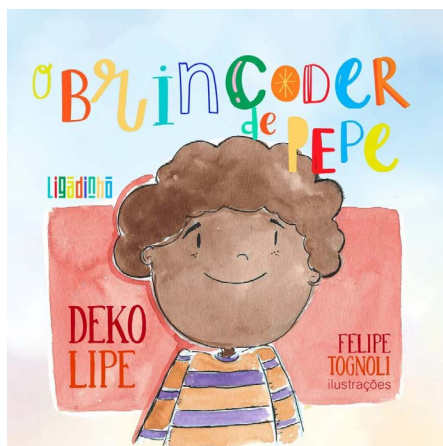
Aziza - Cássia Valle e Luciana Palmeira

É mais uma obra sensível e bonita, um convite literário marcado pelo reposicionamento africano da nossa identidade negra.

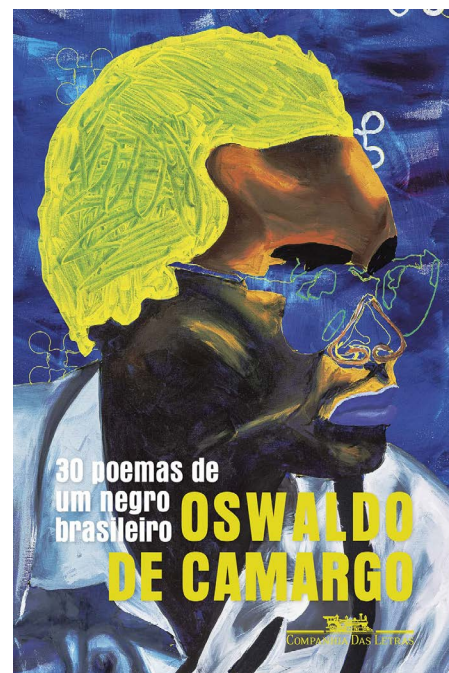


Carolina Maria de Jesus: Percursos literários - Vários autores
O livro reúne 22 artigos sobre a vida e a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, traçando um painel amplo sobre a importância da escritora para a literatura brasileira.

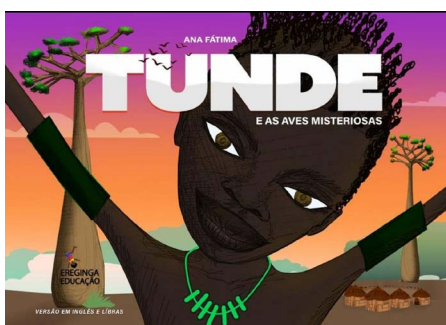
Themba - Marcos Cajé
Themba é um menino esperto, nascido em Salvador, completamente integrado às suas raízes africanas expressas a partir dos contos que o vovô Didi narra.



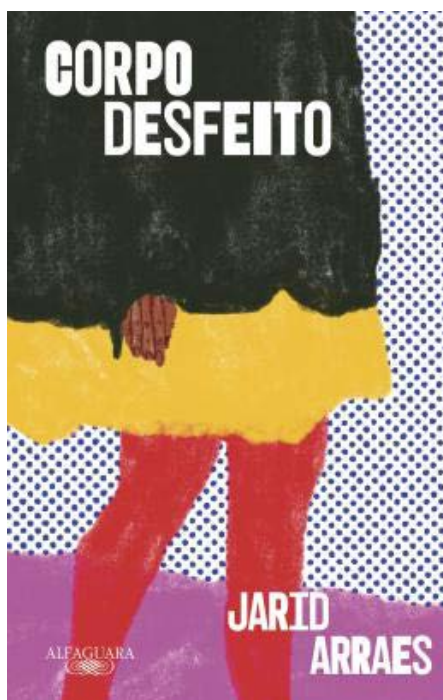
O brincoder de Pepe - Deko Lipe
Pepe descobriu que tem um superpoder. Agora, não pode passar por uma situação complicada que já quer fazer uso dele.



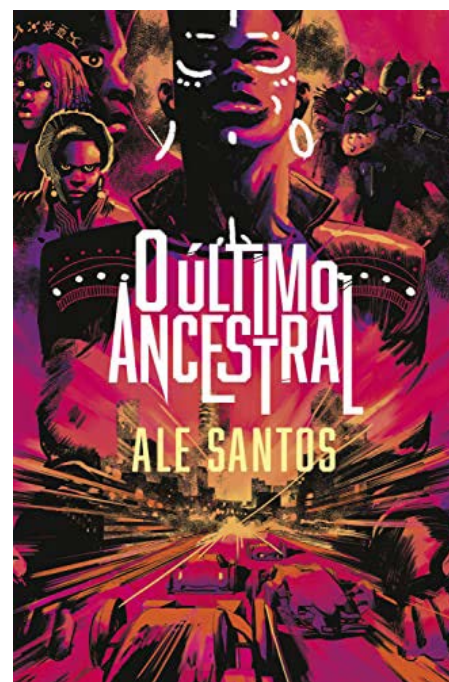
30 poemas de um negro brasileiro - Oswaldo de Camargo
Antologia inédita de poemas de Oswaldo de Camargo, escritor que desmonta, através da literatura, alguns castelos em que se escondem o preconceito e o racismo.



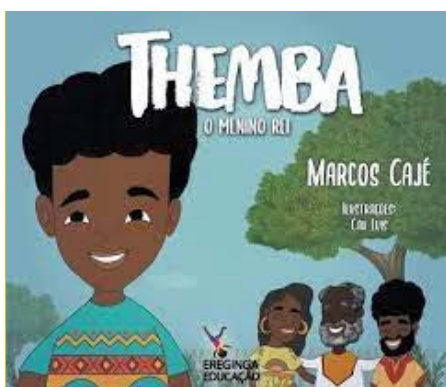
Tunde e as aves misteriosas - Ana Fátima
É uma história que envolve mistério, memórias ancestrais e o encanto que o olhar de uma criança pode levar para as diversas situações do dia a dia.



Corpo desfeito - Jarid Arraes
Em seu romance de estreia, Jarid Arraes, traz uma história impactante e impossível de esquecer, focada nas consequências do abuso físico e psicológico de crianças.



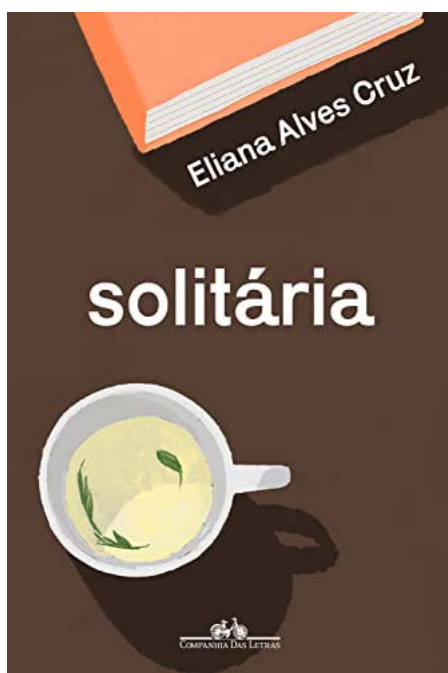
O último ancestral - Ale Santos
Ficção científica de Ale Santos usa elementos do afrofuturismo numa fantasia urbana eletrizante, trazendo referências da fé, cultura e história africana no Brasil.



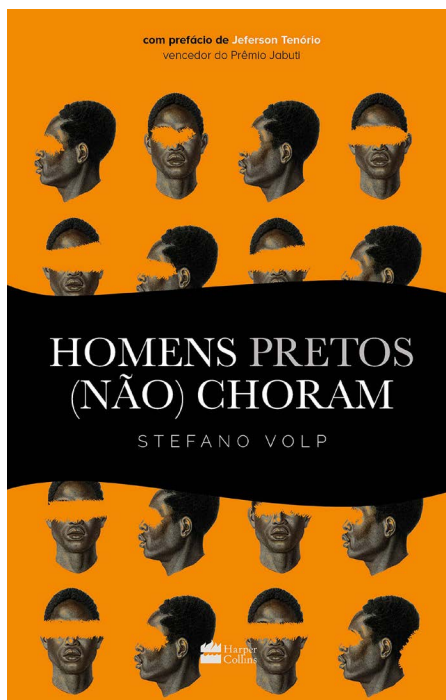


O pacto da branquitude - Cida Bento

Neste livro poderoso, Cida Bento, denuncia e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais.



Solitária - Eliana Alves Cruz
Solitária conta a história de duas mulheres negras, Mabel e Eunice, mãe e filha, que moram no trabalho, um condomínio de luxo desses encontrados em qualquer grande cidade brasileira.



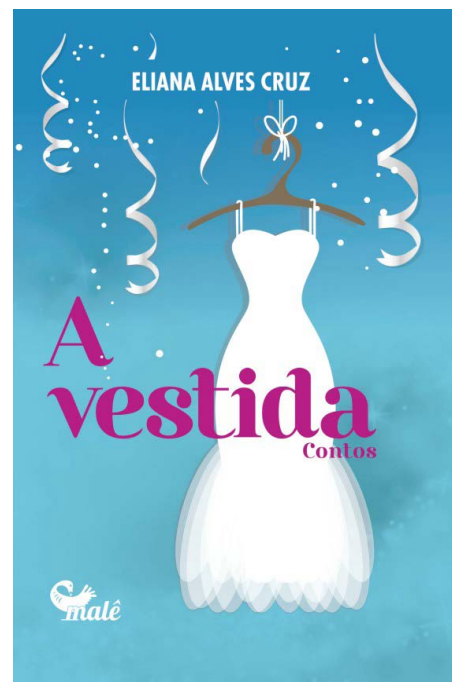
Homens pretos (não) choram - Stefano Volp

Stefano Volp joga luz sobre as feridas, os medos e a solidão do homem, sobretudo o negro, para buscar respostas sobre uma sociedade incapaz de compreender as vulnerabilidades e sutilezas que existem para além da imagem que se constrói das pessoas.



Medida provisória - Lázaro Ramos

Em Medida provisória: Diário do diretor, Lázaro Ramos narra os bastidores de seu primeiro trabalho atrás das câmeras, como diretor de cinema.



A vestida - Eliana Alves Cruz

Primeiro livro de contos de Eliana Alves Cruz, *A vestida* reúne 15 textos da escritora, entre os quais constam alguns já publicados em coletâneas, bem como, escritos inéditos.



O beijo do Rio - Stefano Volp
O solitário Daniel é um jornalista negro que escreve para a seção investigativa de uma revista independente. Ao saber da trágica morte de Romeu, seu melhor amigo de infância, ele decide voltar à sua cidade natal, Ubiratã, para investigar o caso, o qual a polícia prontamente concluiu ter sido suicídio.